

ILUSTRAÇÃO



4.º ANO
NÚMERO 91

Lisboa, 1 de Outubro de 1929

PREÇO

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

4\$00



V
E
R
A
M
O
N

60334604



Tubos de
10 e 20 compr.

O seu melhor amigo

é o Veramon porque faz desaparecer as doenças próprias do sexo feminino, acalmando a dôr e restabelecendo o bemestar geral e o bom humor. — Se o mal se agravar, não deixe V. Ex^a de consultar, a tempo, o médico; mas, de momento, evite o sofrimento empregando o Veramon, que é inocuo e eficaz.



**COMODIDADE E HIGIENE
NA VOSSA CASA**

ASPIRADORES { COM APLICAÇÃO
PARA TODA A LIM-
PEZA NUMA CASA

FRIGORIFICOS { SEM MOTORES, SEM BARU-
LHO, SEM VIBRAÇÃO

FILTROS PARA AGUA { LIVRA A AGUA QUIMICAMENTE
DE TODAS AS IMPUREZAS

ENCERADORES { DÃO IMEDIATAMENTE UM BRI-
LHANTE LUSTRO AO CHÃO

Praça dos Restauradores, 72
Telefone N. 4157
LISBOA

Electrolux

Avenida dos Aliados, 9
Telefone N.º 2033
PÓRTO



**HISTORIA
DA
LITERATURA
PORTUGUESA
ILUSTRADA**

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND
PARIS — LISBOA

Está publicado o fascículo XII, completando o

I VOLUME

desta grandiosa obra e contendo o INDICE,

CAPAS DE BROCHURA ESPECIAIS,

ROSTO e ANTE-ROSTO do 1.º volume

A MAIS BELA OBRA ATÉ HOJE

EDITADA EM PORTUGAL

PREÇOS INCLUINDO EMBALAGENS REFORÇADAS

CONTINENTE E ILHAS :

Assinatura especial de cada número saído mensalmente e pelo correio contra o reembolso (só para o continente e ilhas) 11\$50

	3 meses	6 meses	1 ano
Assinatura (pagamento adiantado)	30\$00	59\$00	118\$00

	REGISTADO		
ÁFRICA ORIENTAL, OCIDENTAL E ESPANHÁ	34\$50	67\$00	132\$00
ÍNDIA, MACAU E TIMOR	36\$00	79\$00	138\$00
ESTRANGEIRO	37\$00	72\$00	142\$00

Cada tomo avulso, não incluindo porte e embalagem 10\$00

HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

PUBLICADA SOB A DIRECÇÃO DE
ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO
Da Academia das Ciências de Lisboa

ALGUNS DOS PRINCIPAIS COLABORADORES

- AFONSO LOPES VIEIRA, escritor.
AFONSO DE DORNELES, da Academia das Ciências de Lisboa
AGOSTINHO DE CAMPOS, da Academia das Ciências, professor.
AGOSTINHO FORTES, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
ALVARO NEVES, escritor, Conservador da Bibliotheca do Congresso da República.
ANTÓNIO BAIÃO, da Academia das Ciências, director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
AUGUSTO GIL, da Academia das Ciências, director geral das Belas Artes.
BRITO CAMACHO, escritor.
CARLOS MALHEIRO DIAS, da Academia das Ciências, escritor, director da *História da Colonisação do Brasil*.
CRISTÓVÃO AIRES, secretário geral da Academia das Ciências de Lisboa.
COELHO DE CARVALHO, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA, da Academia das Ciências, director do Arquivo Histórico Militar.
GUALDINO GOMES, director interino da Bibliotheca Nacional de Lisboa.
HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Escola de Belas Artes.
HENRIQUE DE VILHENA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, director do Instituto de Anatomia.
JOÃO DE BARROS, da Academia das Ciências de Lisboa, director geral da Instrução Primária, professor.
JOÃO AZEVEDO, da Academia das Ciências de Lisboa.
JOAQUIM DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras, director da Bibliotheca e Administrador da Imprensa da Universidade de Coimbra.
JOAQUIM LEITÃO, da Academia das Ciências de Lisboa.
JORDÃO DE FREITAS, director da Bibliotheca da Ajuda-Lisboa.
JOSÉ DE FIGUEIREDO, da Academia das Ciências, director do Museu Nacional de Arte Antiga.
JOSÉ JOAQUIM NEVES, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, da Academia de Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, director do Museu Ethnológico.
JOSÉ MARIA DE OLIVEIRA SIMÕES, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo professor da Escola de Guerra.
JOSÉ MARIA RODRIGUES, da Academia das Ciências, professor de estudos camoneanos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JÚLIO DANTAS, Presidente da Classe de Letras da Academia das Ciências, Inspector das Bibliothecas e Arquivos Nacionais, Director da Escola de Arte de Representar.
LUÍS XAVIER DA COSTA, da Academia das Ciências de Lisboa, Presidente da Associação dos Arqueólogos.
MANUEL DE OLIVEIRA RAMOS, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
MANUEL DA SILVA GAIO, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo Secretário Geral da Universidade de Coimbra.
MARTINHO AUGUSTO DA FONSECA, da Academia das Ciências de Lisboa.
MOSES BENSARAT AMELACK, da Academia das Ciências de Lisboa, professor do Instituto Superior do Comércio de Lisboa.
P. M. LARANJO COELHO, da Academia das Ciências de Lisboa, Conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Director da Secção de Diplomática da Associação dos Arqueólogos.
QUEIRÓS VELOSO, da Academia das Ciências de Lisboa, Director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
REINALDO DOS SANTOS, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.
RICARDO JORGE, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Director Geral da Saúde Pública.
S. COSTA SANTOS, escritor.

EDIÇÃO MONUMENTAL

A HISTORIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

(FORMATO 32x25)

EM TOMOS MENSIAIS DE 32 PAGINAS,
ÓTIMO PAPEL COUCHÉ,
MAGNIFICAMENTE ILUSTRADOS

E CONTRA

biografias completas, retratos, vistas, costumes, monumentos, rostos de edições raras, manuscritos, miniaturas e fac-similes de autógrafos, em soberbas gravuras, algumas das quais *HORS TEXTE*, a cores.

CONSTITUINDO

um precioso album em que pela primeira vez, entre nós, se reúne uma tão completa e curiosissima documentação gráfica.

ARTIGOS DE ESPECIALISADOS PROFESSORES E LITERATOS DE NOME CONSAGRADO

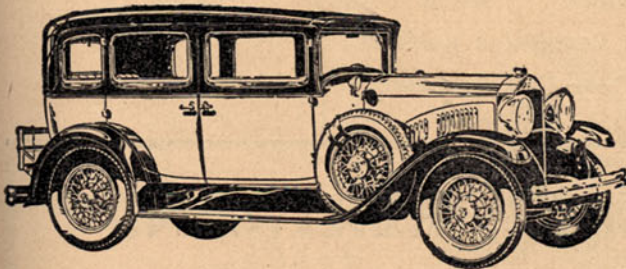
CADA TOMO... .. 10\$00



FLYING CLOUD O AUTOMOVEL DE DISTINÇÃO

Os automoveis REO tornam-se notaveis por um especial cunho de elegancia e distincão, pela perfeição da sua mecanica que não tem confronto e pelo seu reduzidissimo consumo

O CONSUMO DE GASOLINA DOS AUTOMOVEIS REO TORNAM-O O MAIS ECONOMICO DOS CARROS AMERICANOS



1.º PREMIO DO CONCURSO DE ELEGANCIA E CONFORTO
DAS CALDAS DA RAINHA EM 11 DO CORRENTE

Em experiencias feitas e rigorosamente fiscalizadas por quatro dignos directores da bem conhecida Cooperativa dos Taxis de Lisboa, em carros REO recentemente adquiridos por esta Cooperativa, o consumo foi de

131,3 (treze litros e três decilítros) aos 100 quilometros, dentro de Lisboa

Preços, os da tabela de exportação REO, comprovados pelas revistas de automobilismo americanas

SRS. AUTOMOBILISTAS, NO VOSSO PROPRIO INTERESSE
VISITEM O NOSSO STAND

CONTRERAS & GARRIDO, L.^{da}
AVENIDA DA LIBERDADE, 165 a 171
TEL. N. 789 (P. B. X.) — LISBOA



Gostas Dos Bons Bocados ?

Na verdade são muito agradaveis, mas o peor é o mal que fazem à saúde! Para recompôr o estomago e intestinos e evitar-lhes qualquer fadiga, não ha como recorrer regularmente aos saes de fructa "ENO".

O ENO é uma preparação salina efervescente, sem assucar ou sal mineral purgativo, que dá vigor ao organismo e anula os efectos das indisposições do estomago e figado, devidos a um desvio ou falta de regimen. O ENO estimula o intestino, desobstruindo-o suavemente. Possui muitas das propriedades benéficas da fructa e é, para os gulosos e amadores de bons petiscos, o amigo de hoje, de amanhã e de sempre.

Uma colher das de café, num copo d'agua, de manhã e à noite.

Depositarios em Portugal :
ROBINSON, BARD-LEY & C^o. LTD
8, Caes do Sodré, Lisboa.

As palavras "Fruit Salt" - "Sal de Fructa" e "Eno", assim como o rotulo, são marcas da fabrica registadas.



"A venda em todas as farmacias, em frascos grandes e pequenos".

RAINHA DA HUNGRIA

OS MELHORES PRODUCTOS
PARA OS CUIDADOS DA PELE

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

Directora: MADAME CAMPOS

Avenida, 35 - Telefone Norte 3641 - LISBOA



PERFUMES "ORIGINAL" DE GELLÉ FRÈRES PARIS

Deliciosas e finissimas essencias de GELLÉ FRÈRES, PARIS, extrahidas das mais finas flores do Sul da França.

Escolha V. Exa o perfume da flor da sua preferencia :
Rose-Violette - Fougère - Jasmin
Lilas - Muguet - Eillet - Chypre.

A venda em todas as boas Casas

AGENTES GERAIS STETTEN & CA. LIDA 119, RUA DA MADALENA LISBOA



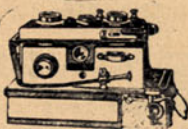
Deposítários gerais para Portugal e Colónias:
 ROBINSON, BARDSLEY & C.ª L.ª — Cais do Sodré, 8 — LISBOA

LEIAM O «MAGAZINE BERTRAND»

SAIU O NUMERO DE OUTUBRO

Os Tres Melhores
APPARELHOS
 de
 photographia
 estereoscopica

**Jules
 Richard**



VÉRASCOPE
 45-107. 6-13. 7-13
GLYPHOSCOPE
 45-107. 6-13
HOMÉOS
 27 VISTAS SOBRE PELÍCULAS

ENVIÁ-SE O CATALOGO A QUEM O SOLICITAD

S^{te} A^{me} des E^{ts} **JULES RICHARD**. 25 RUE MELINGUE
 MAGASIN DE VENTE 7 RUE LA FAYETTE PARIS

**BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO
 PROFISSIONAL**

A sair dentro de poucas semanas:

**MANUAL DO
 CONDUTOR DE
 AUTOMOVEIS**

Nova edição, muito melhorada e abrangendo os mais recentes progressos da industria automobilista.

*A mais completa obra do género
 que existe em lingua portuguesa*

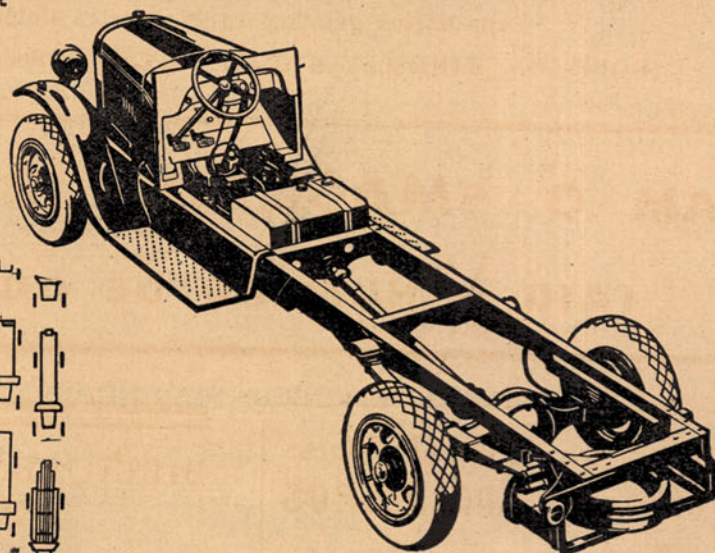
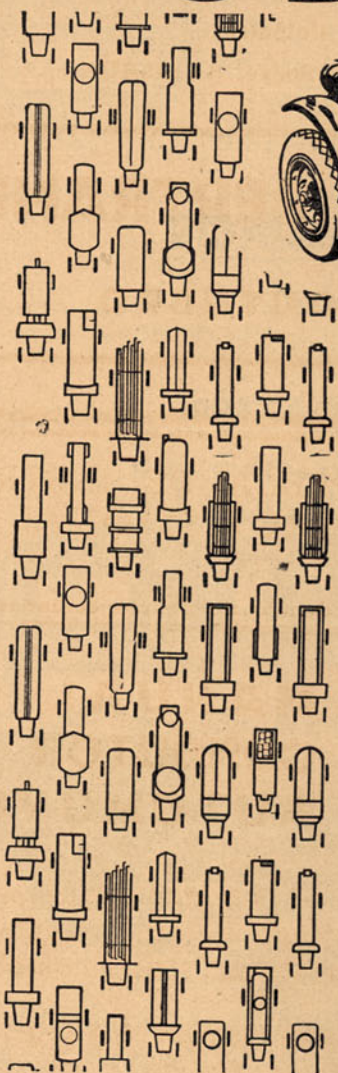
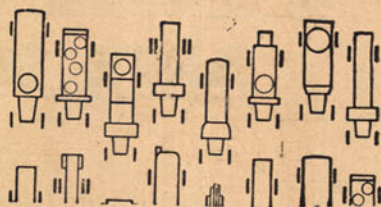
DIRIGIR PEDIDOS ÀS:

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND
 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Um veículo sempre pronto a trabalhar

CAMIONETTES

DODGE BROTHERS



Ainda que sobrecarregadas e pelos peores caminhos, as camionettes DODGE BROTHERS não tem nunca uma hesitação. Equipadas com um potente motor de 6 cilindros, com cambota apoiada em sete chumaceiras; 4 velocidades; travões hidraulicos às 4 rodas; chassis de aço temperado bastante reforçado.

Todas as peças principais são de aço cromo vanadio, 3 vezes mais resistente que o aço ordinario. Rápidas, seguras e resistentes.

As camionettes DODGE BROTHERS, antigamente conhecidas por GRAHAM BROTHERS, são construidas para capacidades varias que respondem a 95% das exigencias em transportes mecanicos. Numerosos modelos de carroserie e um tipo para cada especialidade.

Pedir todas as informações aos representantes de DODGE BROTHERS.

Eles vos apresentarão uma camionette DODGE BROTHERS que vos dará os melhores resultados e com uma despesa minima.

BERNARDINO CORREA & CIA, 3 AV. DA LIBERDADE, LISBOA

DODGE BROTHERS' TRUCKS, DIVISION OF CHRYSLER MOTORS, DETROIT, MICHIGAN

A' MULHER EXIGENTE...

ARTE DE A CONTENTAR!

O pó de arroz BENAMOR é, indiscutivelmente, o produto do seu genero que maior consumo tem actualmente em Portugal. A prodigiosa preferencia que lhe dá o publico feminino fala bem alto sobre a sua qualidade e é a prova evidente que a mulher moderna, a mulher que se sabe perfumar e sabe ser elegante, conhece já os bons produtos de beleza e sabe inteligentemente escolhê-los.

Pois, para corresponder a tão ostensiva frequencia lançou-se agora no mercado o

NOVO PÓ DE ARROZ BENAMOR

em elegantes caixas dum refinado modernismo (em tom lilaz) que se vendem aos mesmos preços de sempre:

QUADRADAS A 2\$50; REDONDAS A 6\$00!

Este pó de arroz, de qualidade rigorosamente igual ao da caixa do «Gato», vai perfumado com a deliciosa essencia

“LA VERBENA” DE NALLY

que só por si lhe dá uma adoravel distincção. Perfume novo numa embalagem linda!

Peça portanto, minha senhora, d'ora ávante, em todos os bons estabelecimentos o

PÓ DE ARROZ BENAMOR — CAIXA LILAZ

sendo bom notar que as antigas caixas com o gato, continuam a vender-se, como sempre, aos mesmos preços. A qualidade do produto é igual e igual o seu custo. Apenas difere na elegancia da caixa e no seu novo perfume, duma verdadeira seducção.

PEDIDOS Á SECÇÃO DE PERFUMARIA DA “EVA”

Largo Trindade Coelho, 10 — LISBOA

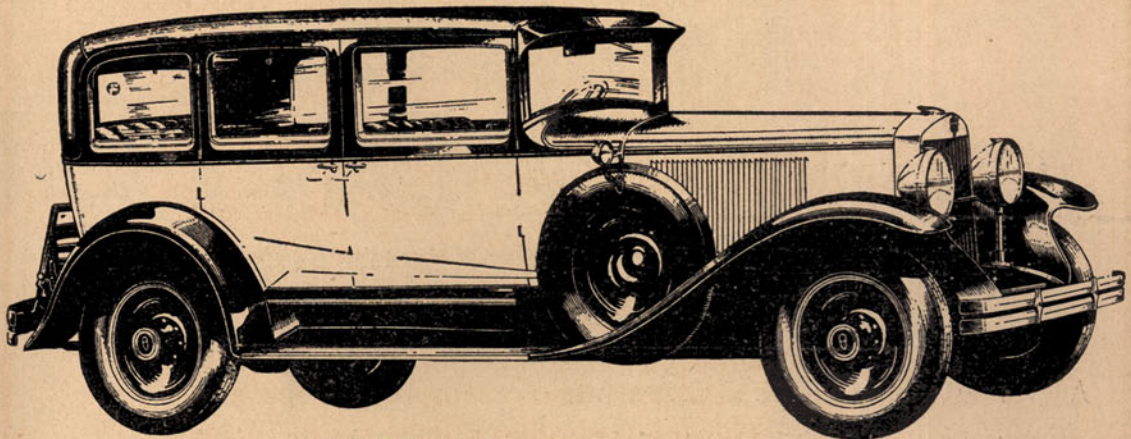
CONSTANTEMENTE APERFEIÇOADO



A Graham-Paige oferece uma grande variedade de carrocerias, incluindo Roadsters, Cabriolets, Coupés e Carros de Turismo, em cinco chassis diferentes, de seis e de oito cilindros — a preços diversos. Todos são equipados com a mudança de quatro velocidades, excepto o modelo 612.

CONVIDAMOS V. Ex.^a a conhecer os automoveis Graham-Paige de seis e de oito cilindros com novos e numerosos aperfeiçoamentos que representam nosso ingente esforço em oferecer um producto cada vez melhor. Cremos que V. Ex.^a apreciará a beleza, conforto e extraordinario valor destes automoveis a par do surpreendente funcionamento da sua mudança de quatro velocidades (duas altas velocidades = mudança *standard*). Temos um carro á sua disposição.

*Joseph B. Graham
Robert C. Graham
Ray A. Graham*



SEDAN MODELO 827 PARA CINCO PASSAGEIROS

Representante geral para Portugal: **J. COELHO PACHECO**

21, Avenida da Liberdade, LISBOA—*Salão de Exposição e Serviço*, 90, Rua Braancamp, 94 — Tel.—(P. B. X.) N-2595

Agentes no Porto: MANUEL DA SILVA CARMO & C.^{TA} L.^{DA}—129, Rua de Santa Catarina, 133

GRAHAM-PAIGE

**EIS O INSECTICIDA LIQUIDO
POR EXCELENCIA**

MORTOL

(MARCA REGISTRADA)



O INSECTICIDA MORTOL

**POSSUI UMA EFICÁCIA DE 30 % SUPERIOR
A QUALQUER OUTRO**

A' venda nas principais drogeries, mercearias, etc., e por grosso na
THE LISBON COAL & OIL FUEL C.^A LTD.

SHELL

RUA DO CRUCIFIXO, N.º 49

Delegações em Pôrto, Coimbra e Faro

Agências em todo o País

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

R. da Alegria, 30 — Lisboa

REDACÇÃO

R. Cecílio de Sousa, 77-1.º

(Ant. R. da Procição)

Telef. N. 873

ANO 4.º — NÚMERO 91

ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR-DELEGADO :
JOSÉ CARLOS DA SILVA

DIRECTOR :
JOÃO DE SOUSA FONSECA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DE :
EMPRESA NACIONAL
DE PUBLICIDADE
E
AILLAUD LTD.ª

ADMINISTRAÇÃO
R. Diário de Notícias, 78
Telef. : T. 821 a 824

1 DE OUTUBRO DE 1929



A ITÁLIA DE MUSSOLINI. — Há dias estiveram em Lisboa 1.093 rapazes da «Opera Nazionale Ballila», que a bordo do «Cesare Battisti» viajavam por conta do GOVERNO DE VÍCTOR MANUEL III. A NOSSA GRAVURA APRESENTA OS DOIS FILHOS DO CHEFE DO GOVERNO ITALIANO, BRUNO E VITTORIO MUSSOLINI, POUSANDO EXPRESSAMENTE PARA «ILUSTRAÇÃO»

CRONICA DA QUINZENA

Estiveram alguns dias entre nós, em viagem de instrução, algumas dezenas de rapazes da *Opera nazionale Balilla*, instituição oficial do governo italiano, destinada a formar recrutas para o fascismo.

Dias antes tinha-se encerrado na Inglaterra, em fins de Agosto, o grande *Jamboree* internacional, que, em Arrows Park, próximo de Birkenhead, reuniu cinquenta mil escuteiros de quarenta e dois países, representando dois milhões espalhados por todo o mundo. Outras manifestações não menos importantes, se bem que menos significativas, dos modernos movimentos educativos, realizaram-se pela mesma ocasião. E contudo, insensivelmente somos levados a destacar aqueles dois acontecimentos, a considerar as respectivas instituições, a aproximá-las e a contrapô-las.

Com efeito, em princípios de Agosto, tinha-se reunido em Genebra, no Palácio das Exposições, sob o patrocínio do Conselho Federal Suíço, o III Congresso bisanual da *Federação Universal das Associações Pedagógicas*, em que figuraram alguns temas novos: Secção 5 e 6: *Cooperação internacional*. Secção 11: *a Escola e a comunidade*. Secção 12: *a Educação e a Imprensa*. Secção 14: *da Escola à oficina*. Poucas semanas depois, teve lugar, no edifício da Universidade de Cambridge, o Congresso mundial de Educação dos Adultos, promovido pela *The World Association for Adult Education*, com as seguintes secções: 1—*Os princípios e os problemas da Educação dos Adultos*; 2—*Método extensivo e método intensivo na educação dos adultos*; 3—*Os livros e a educação dos adultos*; 4—*O ensino dos adultos e o operário industrial*; 5—*As relações entre a cultura geral e a formação técnica*. E quasi ao mesmo tempo, reunia-se em Elsenor, na Dinamarca, o importantíssimo Congresso da *Liga internacional para a Educação Nova*, que escolheu, este ano, para tema de discussão: *A psicologia nova e os programas*. Entre outras questões, foi largamente discutida a dos «Exames».

De todos estes congressos, porém, só mais tarde, pelas revistas pedagógicas, poderemos ter relatos circunstanciados, pois que dos jornais diários, pelo menos dos nossos, não se tira coisa que valha. Demais, ao grande público, importam mais directamente organizações associativas, como as dos escuteiros, ou dos «balilla», sobre as quais poderá ter amanhã que decidir se lhe convém, ou não, inscrever os seus filhos, do que a questão dos exames que ele sabe muito bem que não será chamado a resolver.

Entre as duas instituições há, evidentemente, um ponto comum: a preocupação que tiveram os seus criadores de preparar as mocidades de hoje para as tarefas que há de exigir o mundo do amanhã, supondo que sabemos que tarefas serão essas. Mas, a partir

dêste ponto comum, elas não fazem senão divergir.

Já o facto de uma ser instituição do Estado e a outra, obra dos particulares imprime-lhes, desde logo, caracteres bem distintos. Enquanto o «balilla» recebe do Estado tudo de que a sua associação necessita, o «scout» é obrigado a desenvolver a mais larga iniciativa para obter os recursos indispensáveis para realizar excursões, acampamentos, viagens, etc.; tem de angariar protectores para o escutismo, convencer, persuadir os contribuintes voluntários. O Estado auxilia-o, mas, é, apenas, um protector, um contribuinte como qualquer outro, não tem influência alguma na vida interna das organizações escutistas. Tem, pois, o escuteiro que desenvolver um espírito de iniciativa, não pequeno, que o «balilla» bem dispensa.

Depois, ao passo que a obra dos «Balilla» é estritamente nacionalista e fascista, o escutismo constitui uma federação internacional de federações nacionais. Anima-o o sentimento nítido da interdependência cada vez maior das nações, e a necessidade urgente, por isso mesmo, da colaboração internacional. O escuteiro ama, primeiro que tudo, a sua família, a sua terra natal, a sua pátria, mas o seu sentimento de solidariedade não pára nas fronteiras nacionais: o escuteiro é amigo do escuteiro, qualquer que seja a sua nacionalidade, a sua raça, a sua religião, a sua classe. É este um dos mandamentos da «Lei do escuteiro», decálogo em que se encontram reunidos os mais altos preceitos comuns a todos os códigos de moral, religiosos ou laicos.

Por isso, as viagens não representam o «balilla» o mesmo que para o escuteiro. Para o «balilla» a viagem é, apenas, um complemento de instrução, e um prémio conferido aos que mais se distinguem nos seus estudos. Para o escuteiro é um meio de estreitar relações entre países diferentes, de desfazer, pelo conhecimento directo, mal-entendidos e preconceitos formados a respeito dos estrangeiros.

A obra «Balilla» tem em mira formar italianos patriotas e fascistas; o escutismo pretende, acima de tudo, formar homens: homens de corpo sadio, espírito expedito e carácter recto, «sempre prontos» para fazer face às situações que a vida lhes depare. «*Be prepared*» é a divisa do escutismo inglês, «*Mentally awake, physically fit, morally straight*», os três objectivos do escutismo americano.

A obra «Balilla», que compreende crianças dos 8 aos 14 annos «*Balillas*», e dos 14 aos 18

«*avanguardisti*», tem por fecho o ingresso na milícia fascista. A sua organização é militar, e a educação que ministra, em grande parte, uma preparação à vida militar. O escutismo, pelo contrário, embora desenvolva qualidades utilizáveis na vida militar, é uma instituição de carácter inteiramente civil, sem quaisquer intuits de preparação militar. É uma espécie de ordem de cavalaria dos tempos modernos, não tendo de comum com a época medieval senão o espírito cavalleiresco.

De facto, como diz um dos dirigentes do escutismo francês, o espírito de aventura e o espírito cavalleiresco, tão conformes às tendências instintivas da criança e do adolescente, são uma das principais características do escutismo. «*Servir, dedicar-se — ajudar e proteger os fracos — não maltratar, não opprimir ninguém — ser leal — ser generoso — saber perdoar — ser fiel — ser grato...* eis aqui, diz o sr. Marty, as grandes leis cavalleirescas que são, também, as leis dos escuteiros».

Por fim, como para mais acentuar ainda a divergência das duas instituições, o sr. Mussolini entendeu por bem dissolver as associações italianas de escuteiros, e não somente as católicas, como ao principio se julgou, mas também as laicas. A razão alegada foi: que «só o Estado tem o direito de organizar a mocidade e educá-la, tendo em vista a realização da tarefa que ella assumirá no domínio cívico e político...»

Não se pode negar ao sr. Mussolini intelligência política, esta intelligência que sabe adaptar os meios aos fins, mas é duvidoso que se lhe possa attribuir uma intelligência larga. A Igreja viu mais longe, e andou mais avisada. Ela que, a principio, viu o escutismo com maus olhos, por se lhe afigurar uma obra maçónica e protestante, reconheceu, a breve trecho, que se tratava de um movimento de excepcional importância, de uma obra com sólidas raizes, destinada a um êxito seguro, e que o manter-se estranha a este movimento lhe criaria, de futuro, uma situação de inferioridade. Criou, pois, por toda a parte, associações de escuteiros católicos que não receiam acamaradar com os escuteiros protestantes, laicos, israelitas, budistas, etc.

O sr. Mussolini não entendeu assim, mas é possível que não seja esta a sua última palavra sobre o assunto, quando vir, daqui a algum tempo, a maior parte da mocidade dos principais países enfileirada nas organizações escutistas. Manterá elle os seus «balilla» insulados dentro das fronteiras italianas, para os livrar do contágio? Se não, se elles continuam a viajar e a ter contacto com os outros países, alguém poderá evitar que estes rapazes, sobretudo os mais velhos, não sintam a estranheza da sua posição no mundo, vendo-se os únicos excluidos da federação mundial dos escuteiros?

ESTE NÚMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

PELO NORTE

O CHEFE DO ESTADO EM TRÁS-OS-MONTES — O ANIVERSÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL — A CHEGADA DO NOVO PAQUETE «CUANZA» — A RAINHA DOS MERCADOS DO PÓRTO



O sr. General Carmona, Presidente da República, à sua passagem por Campanhã, vendo-se, à sua esquerda, o sr. dr. Antunes Guimarães ministro do Comércio; e à sua direita o general Ivens Ferraz, presidente do Ministério; tenente coronel Nunes da Ponte, governador civil do Pôrto e coronel Raul Peres, presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal do Pôrto

FOTOS
DE
ÁLVARO
MARTINS
EXCLUSIVAS
DA
«ILUSTRAÇÃO»



NO CONSULADO DO BRASIL NO PÓRTO. — Um aspecto da recepção dada no mesmo consulado por ocasião do aniversário da Independência do Brasil



EM LEIXÕES. — A visita oficial ao novo paquete português *Cuanza*: um aspecto do embarque para a referida visita



A RAINHA DOS MERCADOS DO PÓRTO. — A rainha do Mercado do Bolhão, e a 2.ª classificada, após a coroação da referida rainha

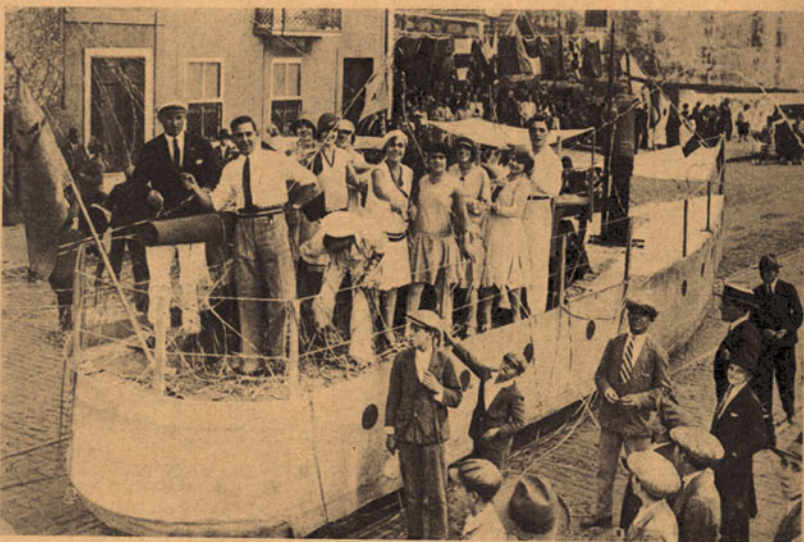


EM LEIXÕES. — A visita oficial ao novo paquete português *Cuanza*: as autoridades, delegados da Companhia Nacional de Navegação e alguns oficiais após a visita

HOMENS E FACTOS DA QUINZENA



Dr. Getúlio Vargas, ilustre político brasileiro que a Convenção da Aliança Liberal designou como candidato à presidência e vice-presidência da República do Brasil



AO ALTO: — Semana Automobilista da Foz. O carro do Clube Fluvial que tomou parte na batalha de flores ali realizada há dias e a qual revestiu enorme brilho e animação



A ESQUERDA: — Na Figueira da Foz. Um aspecto do baile na festa do sexteto do Casino Peninsular realizada em 16 de Setembro e a qual marcou como um autêntico acontecimento mundano e artístico da última temporada

(Cliché Pereira Monteiro.)



A ESQUERDA: — Semana automobilista da Foz. Um carro de vianesa que tomou parte na batalha de flores

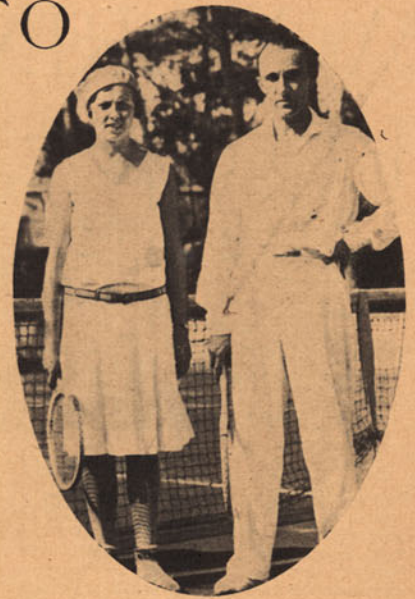
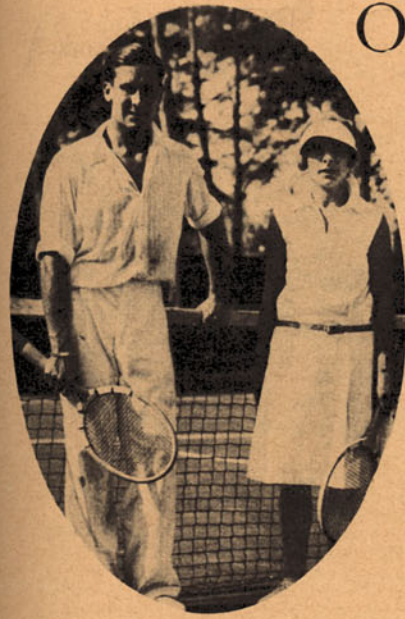
A DIREITA: — AINDA A TAÇA SCHNEIDER: — Três dos mais classificados aviadores ingleses da prova. Ao centro; Waghorn, triunfador da taça, e à direita o comandante Orlebar, «recordman» do mundo da velocidade em avião



(Foto Rolls Royce)

O DESPORTO NA COSTA DO SOL

A REGATA LISBOA-SETUBAL E O III LISBOA-PORTO EM LAWS-TENNIS



O final da temporada estival em Cascais foi particularmente assinalado pelo brilho dos exercícios desportivos ali realizados. A regata oceânica Cascais-Setubal, organizada pela Associação Naval, para disputa da «Taça Wintermantel» foi um dos mais belos espectáculos a que poderiam assistir aqueles que pelo desporto português manifestam o carinho que merece. Com efeito a lição que da referida regata se poderá tirar é a de que o desporto náutico — um dos mais belos de que o homem pode dispor para seu desenvolvimento físico — tem entre nós cultores

de alta inteligência e magnífico saber. Assim o provam os resultados finais e a competente classificação que foi acertada e justa: a 1.ª classificada foi a canoa *Bébé*, (em baixo, à direita), timonada pelo 1.º tenente Zola da Silva, com um esplêndido percurso de 10 horas 8 m. e 49 s., ganhando a «Taça de Categoria» e a «Taça Wintermantel». Dentre as outras concorrentes é justo

citara a *Nadedja* (em baixo, à esquerda), classificada em 1.º lugar a dentro do 2.º grupo. O outro acontecimento desportivo da temporada estival em Cascais, foi o encontro Pôrto-Lisboa de *Lawn Tennis* o qual despertou entusiasmo, terminando pela vitória do grupo lisboeta. As nossas fotos mostram respectivamente. — Ao alto à esquerda: o sr. Vasco Horta e Costa e Miss Tait (do Pôrto); no oval do centro: uma esplêndida atitude do jogador de Lisboa, sr. D. José de Verda (Mairos); ao alto, à direita: M.ª Pe-restrelo e o sr. D. José de Verda.



de alta inteligência e magnífico saber. Assim o provam os resultados finais e a competente classificação que foi acertada e justa: a 1.ª classificada foi a canoa *Bébé*, (em baixo, à direita), timonada pelo 1.º tenente Zola da Silva, com um esplêndido percurso de 10 horas 8 m. e 49 s., ganhando a «Taça de Categoria» e a «Taça Wintermantel». Dentre as outras concorrentes é justo



A MARINHA DE GUERRA PORTUGUESA

INQUERITO AO SEU ESTADO ACTUAL E ÀS SUAS NECESSIDADES MAIS URGENTES

II

OS «SLOOPS» «REPÚBLICA» E «CARVALHO ARAUJO» — O QUE A ARMADA PORTUGUESA NECESSITA SOB O PONTO DE VISTA DE CRUZADORES

Os dois «sloops» que possuímos, «República» e «Carvalho Araújo» e aos quais erradamente damos a classificação oficial de cruzadores, são navios nunca destinados a sustentar longos combates, mas sim barcos especialmente destinados a combóios (escoltas), caça contra submaríveis e navios lança-minas.

Contudo estes barcos, têm desempenhado rudes e fatigantes comissões de serviço provando sempre de uma maneira bastante satisfatória.

A título de curiosidade e antes de entrarmos propriamente no estudo mais ou menos minucioso da vida destes dois barcos, vejamos as suas características principais.

«República»: — Deslocamento: 1.250 toneladas. — Comprimento entre perpendiculares: 77,78 metros. — Fôrça das máquinas: 2.362 cavalos. — 1 hélice. — Velocidade máxima horária: 16,4 milhas. — Artilharia: 2 canhões de 100 mm., 2 canhões anti-aéreos de 76 mm., 4 canhões de 47 mm. e 2 metralhadoras. — Guarnição: 150 homens, entre oficiais, sargentos e praças.

«Carvalho Araújo»: — Deslocamento: 1.200 toneladas. — Comprimento entre perpendiculares: 76,20 metros. — Fôrça das máquinas: 2.242 cavalos. — 1 hélice. — Velocidade máxima horária: 17,25 milhas. — Artilharia: 2 canhões de 100 mm., 2 canhões anti-aéreos de 76 mm., 2 canhões de 47 mm. e 1 metralhadora. — Guarnição: 150 homens, entre oficiais, sargentos e praças.

Pelo que fica exposto se vê, quanto é modesto o valor militar destes dois avisos de guerra, a que nós, pomposamente e à falta de outra, damos a classificação de cruzadores.

A França e outras nações, aos navios deste tipo chamam-lhes «avisos». Só Portugal os classifica de cruzadores.

O «República» e o «Carvalho Araújo», têm ao serviço da Armada Portuguesa, uma vida interessante e cheia de episódios que ficarão para sempre ligados à História Pátria.

O «República» principalmente. Quando do «raid» aéreo Lisboa-Rio de Janeiro, levado a efeito pelos nossos valorosos e sábios aviadores, almirante Gago Coutinho e comandante Sacadura Cabral, o «República» foi o navio-chefe da divisão naval, constituída por este navio, pelo aviso «5 de Outubro» e pela canhoneira «Bengos», que auxiliou os aviadores durante a travessia.

Não fôsse a presença deste navio junto aos penedos de S. Pedro e S. Paulo e os aviadores teriam perecido inevitavelmente.

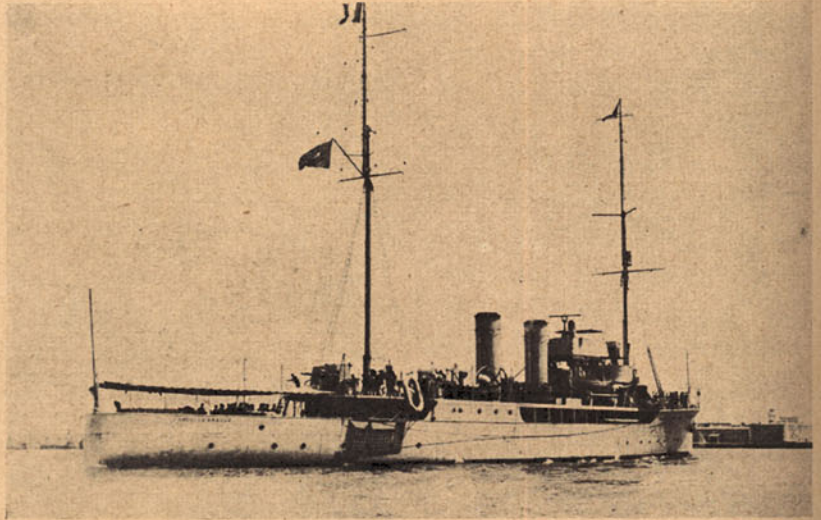
E é que foi esse momento impressionante, da entrada de Gago Coutinho e Sacadura a bordo do «República»!... A guarnição em sentido. Quasi todos os oficiais e marinheiros choravam de comoção. Um silêncio profundo. Havia apenas mar, duas rochas, um navio e o céu infundo, onde se projectava altivo e triunfante o pavilhão bi-color de Portugal longínquo...

O «República», esteve mais tarde na China, durante a guerra civil, a fim de salvaguardar os interesses portugueses.

Foi também o navio-chefe da divisão naval portuguesa do Extremo-Oriente constituída pelos seguintes navios: cruzador «República», cruzador «Adamastor», canhoneira «Pátria»,

lança-canhoneira «Macau» e transporte de guerra «Pero de Alenquer», com um efectivo total de cerca de 570 homens.

O «República» foi também o navio-chefe da divisão colonial que, constituída por este navio, pelas canhoneiras «Beira», «Bengos» e «Ibo» e pelo transporte de guerra «Gil Eanes», realizou a circumnavegação do continente africano, via-



O «sloop» «Carvalho Araújo». (O «República» é de tipo idêntico)

gem interessante e muito útil para o país e para a Marinha de Guerra.

O «Carvalho Araújo» tem desempenhado também importantes comissões de serviço. Devemos destacar entretanto uma: Foi este barco que transportou para a ilha de Fernando Noronha, o hidro-avião «Santa Cruz» (Fairey 17), em que os aviadores concluíram triunfalmente o seu «raid» Lisboa-Rio de Janeiro.

Os dois «sloops» estão sofrendo agora importantes e demoradas reparações. São os efeitos do serviço activo, que se estão fazendo sentir...

Eles não têm provado mal, mas não nos convencemos de que, à custa de eternas e grandes beneficiações, eles durarão tanto como o «Vasco da Gama»...

A aquisição destes dois navios tem uma história.

Encontrava-se em Londres, uma comissão de oficiais da Armada, entre os quais o sr. comandante Pereira da Silva, encarregada de estudar a aquisição de alguns navios deste tipo.

A verba existente para tal fim destinada pelo Governo de então, permitia a compra de seis «sloops». Contudo a constante depreciação da moeda estava prejudicando grandemente o êxito

das negociações e a certa altura, o comandante Pereira da Silva, verificando que a verba dava já apenas para dois navios, resolveu realizar a operação da compra de dois deles, imediatamente.

Pouco depois de fechado o contracto, chegava um telegrama de Lisboa, ordenando que não fôsse comprado qualquer navio. Era já tarde. A Armada Portuguesa, devido à inteligência e à tenacidade do comandante Pereira da Silva, ficava possuindo desde aquele momento, mais dois navios.

É que este ilustre oficial, não só no Ministério da Marinha, mas em toda a parte, faz sentir sempre o seu grande amor à Marinha e as suas notáveis qualidades de trabalho e de inteligência.

Exposto no número anterior e hoje neste, o pouco valor militar dos nossos cruzadores, é lógica a pergunta:

— De que necessita a Marinha de Guerra Portuguesa sob o ponto de vista de cruzadores?

A resposta é difícil, mas entretanto vejamos. Várias opiniões têm sido lançadas a público;

julgamos contudo que merecem especial referência neste inquérito as dos srs. comandantes Pereira da Silva, Mesquita Guimarães e Magalhães Corrêa.

O primeiro destes oficiais entende que a Armada Portuguesa não pode prescindir de dois cruzadores de 8.000 a 10.000 toneladas, que possam percorrer todos os mares, desfraldando o pavilhão de Portugal pelo mundo inteiro.

O sr. comandante Mesquita Guimarães, julga que Portugal deverá de início adquirir alguns condutores de flotilha com deslocamento entre 1.700 e 2.000 toneladas, cujas qualidades náuticas possam a um tempo desempenhar o papel de cruzadores ligeiros e de contra-torpedeiros.

Navios que se assemelham portanto aos cruzadores-exploradores italianos, tipo «Tigre».

O sr. comandante Magalhães Corrêa, tem uma opinião idêntica à do sr. comandante Pereira da Silva.

Eis as opiniões de três oficiais que a Armada considera como elementos de indiscutível valor e reconhecida competência. Ao Estado Maior Naval, compete decidir.

Seja porém como for, torna-se absolutamente necessário, logo que as circunstâncias do Tesouro o permitam, dotar a Armada Portuguesa com o material que lhe é indispensável para o bom desempenho da sua missão.

E no próximo número, trataremos de contra-torpedeiros.

MAURÍCIO DE OLIVEIRA.



INDICAÇÃO SINTÉTICA DAS SUAS RELAÇÕES

Há meses, realizei no único posto transmissor de T. S. F. existente em Lisboa, uma palestra radiofónica. Comecei por perguntar: — O que é a música? E eu mesmo respondi que a música é a Arte dos sons.

Emanação espiritual da natureza, que tão pródiga é nos seus sortilégios e nas suas benesses, a música consiste num dom magnífico para aqueles que a cultivam e num insatisfeito e eterno anseio de perfeição para quantos nela encontram Beleza, Graça e Harmonia — três fadas que encantam as almas superiores num prodigioso castelo de sonho.

A música recebeu de alguém o qualificativo de Arte Divina. Com ela, procura-se definir o imaterial pela coordenação de ideias e pela sistematização de fenómenos acústicos.

Mas, deixemos as considerações teóricas, os encadeamentos de palavras vãs e contentemo-nos em verificar como é grande e poderosa essa força, a um tempo humana e extra-humana, que é a Música.

Música tiveram-na os gregos — incomparáveis estetas e ideologistas que conseguiram levar, mercê de esforços hercúleos e seculares, a Arte à sua expressão mais bela — não só a Arte na sua forma plástica, a Pintura e a Escultura, mas também a Arte na sua feição sónica — isto é, a Música.

Bastar-nos-há lembrar que entre os gregos atingiu um expoente elevado a Rítmica — a

mais pura síntese — síntese levada ao extremo — de Arte musical.

Mas a música é de todos os tempos, de todos os povos, de todas as raças. A ascendência da música terá de ser procurada entre os elementos que constituem a pre-história, como sucede para a pintura e para o desenho — uma e outro já revelados nas cavernas remotas, *ateliers* estranhos dos primeiros artistas do nosso planeta.

A música foi de ontem e é de hoje, pertence aos povos civilizados e às tribus selvagens.

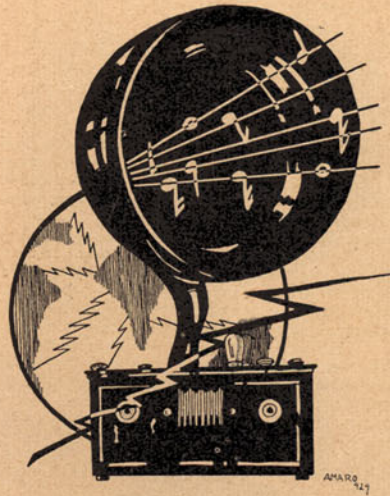
E a radiofonia?

Ah! essa é dos nossos dias, é um aconteci-

mento para se transformar, afinal, numa concretização e num prazer que todos nós podemos sentir e experimentar, com a audição de bons programas artísticos, no sossego das nossas casas, no conforto dos nossos lares, sossego e conforto que se prendem intimamente a esse pequeno aparelho, quasi um aparelho maravilhoso, que nos permite devassar os espaços através dos quais o som se propaga, e ouvimos, instantaneamente, uma maviosa sinfonia de Beethoven, em Londres, uma apaixonada ária de Verdi, em Berlim, uma terna melodia de Grieg, em Amsterdam — e um dia, talvez, um trecho bizarro de orquestra no polo norte um lamurioso solo de violino no polo antártico.

Fazemos do cantinho em que decorre a nossa vida a charneira de rotação de todo o mundo, de todo o mundo que trabalha, progride e evoluciona. A nossa casa, o nosso lar, transformam-se num mundo inteiro. A radiofonia move as vozes dos quatro cantos do planeta, e elas vêm ter até nós, até à nossa intimidade. São os séres desconhecidos a confidenciar com o nosso próprio ser. São as almas dos fortes a fortalecer a nossa alma enfraquecida.

A radiofonia contribui, largamente, para a difusão da música. E, se esta alimenta os espíritos, acarinhemos a radiofonia, que traz no seu programa o segredo dos grandes nomes da Arte dos sons.



ADOLFO FARIA DE CASTRO.



mento da actualidade — uma actualidade palpitante.

A radiofonia cabe bem dentro do papel já imenso da civilização hodierna. Irmã mais nova da telegrafia sem fios, uma outra irmã possui, recém-nascida: — a radiovisão.

E telegrafia sem fios, radiografia e radiovisão mais não são do que conquistas do homem no mundo infinitamente grande e infinitamente belo que o cerca, que o envolve e que o domina.

Estas conquistas científicas, quando postas ao serviço duma ideia social, dum intuito universal, crescem em alcance e em razão de ser.

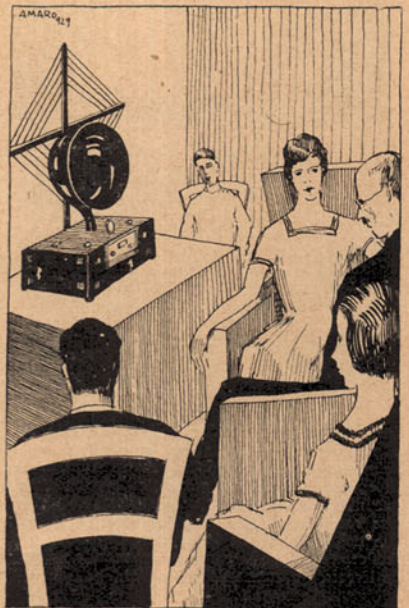
Quão maravilhosa se torna a Música combinada com a radiofonia!

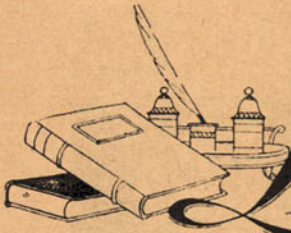
Que conjunto desconhecido de sensações a radiofonia nos pode reservar, aliada à Arte dos sons, à divina Arte da música!

Sempre o homem na sua ascensão para o infinito, para o azul da sua concepção espiritual.

Mas, de tudo isso, de toda essa investigação no campo da ciência pura, alguma coisa de positivo e prático fica no âmbito da nossa vida, dentro dos horizontes da nossa existência.

A radiofonia deixou de ser simples quimera





Livros e Escritores

POESIAS ESCOLHIDAS de PETHION DE VILLAR.
— Ressurgimento, Lisboa 1929.

Não é, evidentemente, nos acanhados limites desta simples notícia que se poderá apresentar aos leitores uma idéa exacta do que eram as qualidades de poeta que concorriam em *Pethion de Villar*, pseudónimo illustre do dr. Egas Monis Barreto de Aragão. O volume que temos presente, *Poesias escolhidas*, carinhosamente coligido e editado pela saudosa piedade de sua esposa, daria, a quem dispuzesse de tempo e talento, um curioso estudo sobre as influências diversas que actuaram sobre o temperamento lírico do brasileiro illustre a que nos referimos, e influências essas que vão desde a hugolatria e o parnasianismo até às névoas dos simbolistas e



Dr. Egas Monis Barreto de Aragão (Pethion de Villar)

decadentes... A enorme cultura de que Pethion de Villar dispunha (o poeta conhecia a fundo umas poucas de línguas, sendo-lhe familiares o alemão e o inglês), o espírito inquieto e ansioso de conhecimentos novos de que era dotado, levaram-no a sofrer todas as influências a que fazemos referência, o que empresta aos seus versos um carácter curioso e estranho. No íntimo, porém, vê-se que o esplendor verbal, a coruscância das rimas e das imagens do Parnasianismo eram as qualidades que mais apreciava na produção poética. E sem ter a perfeição impecável dum Machado de Assis, dum Olavo Bilac ou dum Alberto de Oliveira, o malogrado poeta era um grande artista da palavra que ao serviço de nobres idéas punha as enormes qualidades de entusiasmo e lirismo que nele viviam. Bem no-lo mostram estas *Poesias escolhidas*, feixe de belas produções líricas que nos indemnizam fartamente de muita coisa moderna que por aí surge atravancando montras de livreiros e mesas de redacções...

J. G.



Leão Trotsky

MIS PERIPECIAS EN ESPAÑA — por LEÃO TROTSKY, tradução de Andrés Nin. — Editorial España, 1929.

Em Trotsky devem separar-se duas personalidades distintas: o idealista político e o homem de lúcida inteligência e formidáveis faculdades literárias. Só esquecendo o primeiro é que, tranquilamente, sem paixão, se pode criticar o segundo. Se avaliarmos, em conjunto, este estranho ser, correremos o risco de, ao apreciar uma obra de contextura quasi novelesca como «*Mis peripecias en España*», a tomarmos por genial na exaltação de simpatizantes políticos ou por detestável com impiedoso sectarismo de adversário obstinado. E sem ser, evidentemente genial este livro, publicado agora com flagrante oportunidade, tem um interesse extraordinário que não podemos, dignamente, ocultar.

Leão Trotsky, antes da guerra, foragido do seu país, onde se iniciava a confusão sangrenta



André Brun

que substituiu Kerenski ao «*paisinho*», é dado por indesejável na generosa e democrática França. Com a sua hospitalidade comprovada para os grandes homens, a «*civilisadora do mundo*» coloca delicadamente, com quatro reverências, na fronteira espanhola, o grande agitador que mais tarde seria o único sucessor sincero de Lenine. Trotsky, escoltado por polícias estultos e grosseiros, encurralado em terceiras

classes, nessas formosas *terceiras* espanholas, percorre a monarquia visinha de norte a sul, entrando pelos Pirineus, saindo, sob a mesma vigilância, pelo Mediterrâneo. O forçado viajero apenas tem paragens na rota, paragens de poucos dias ou poucas horas, sob uma nauseante tutela, rodopiando, lassamente, pelos gabinetes de todas as polícias e de todas as autoridades. Curtas escapadas o deixam respirar; uma nesga de sol numa tarde de corrida de cavalos, deambulações apressadas por ruelas torvas cheirando a frituras e gente. Depois-cárcere, combóio, custódia, interrogatórios, até à expulsão para a América. O que poderia ter visto da Espanha tradicional este enjaulado vagamundo? O extraordinário do seu livro reside, exactamente, neste facto formidável; Trotsky viu mais do



Luís Bello, visto pelo caricaturista Cafiavate

que muitos milhares de observadores em liberdade, o seu livro é uma síntese admirável, quadriculada finamente pelas gradarias das cadeias hispânicas. Que apareça quem, deste quadriculado miúdo queira fazer uma ampliação fácil, e teremos uma obra notabilíssima de crítica social e política gerada dum livro ameno, variado e sardónico como o homem notável que o escreveu.

J. F.

O CONDADO DE REDONDO, por ANDRÉ BRUN. — Lisboa, Livraria Popular de Francisco Franco. — 1929.

A vida absolutamente dispersiva de André Brun levou-o a jámais — ou, pelo menos, a mui raras vezes — nos poder apresentar uma obra que inteiramente nos desse a medida exacta do seu talento de humorista. Se exceptuarmos *A vizinha do lado*, comédia de costumes de primorosa técnica teatral e que fez época entre nós, tudo o mais se resume em contos e crónicas apressadas, fugazes, ao sabor do tempo e das exigências jornalísticas, embora claramente indicando as qualidades de humorista de que o seu autor era dotado. André Brun, infelizmente porém, não dispôs do tempo nem das condições de vida necessárias para nos legar uma obra definitiva. E o resultado foi os seus muitos volumes estarem recheados de coisas às quais, só



D. Regina Cardoso Bensabat

Viagem pelas escolas de Portugal... Porque, se o ilustrado autor do livro a que esta notícia se refere, muito encontrou de criticável nas escolas do seu país pelo que respeita a instalações e processos de ensino, o que não sucederia, Deus da misericórdia, ao seu colega português que viajasse pelas aldeias, vilas e cidades da terra portuguesa!

P. M.

ALVORECER — versos por REGINA CARDOSO BENSABAT. — Lisboa 1921.

Mais um volume de versos, de mulher que mal desponta para a vida, embalada ainda pelas ilusões doiradas dos dezassete anos... É um verdadeiro alvorecer este livrito, com as indecisões, os balbuécios e pálidos clarões da manhã que nasce... Os verdes anos da autora não lhe consentem os vãos largos de que a poesia deve constar: trata-se duma simples estreia, dum simples tentar de asas e nada mais. A autora, para quem o mundo e as suas traições constituem ainda — felizmente para ela! — uma suposição, um vago e incerto adivinhar, canta os

o mundo e desconhecedores de tudo... É possível que o sr. Conde de Aurora, minhoto de sangue e de idéas, falseie um pouco o título do seu interessante livrinho pois que, muitas vezes, mais se compraz em sonhar do que em descrever... Mas o certo é que este livro se destina a portugueses, deixando à multidão cosmopolita os guias de viagem fornecidos pelas Cook e outras que tais agências exportadoras de viajantes... Este *Roteiro da Ribeira-Lima* constitui um passeio encantado que um português de lei se prontifica a fazer de braço dado com outros portugueses que o queiram ser. É a palavra do guia amável que nos conduz, enche de sugestão aquilo que apresenta, enleva-se no que descreve, chega a perder-se no intuito de fazer notar aos outros aquilo que constitui a música interior do seu bairro... a nota íntima do seu lirismo de minhoto... Talvez não falte quem desejasse este livro mais sêco, mais descritivo e esmiuçador... Nós queremos-lhe bem assim, tal qual é, feito por um português para portugueses. Está nisso quanto a nós o seu maior preço, o seu maior encanto.

É muito desejáramos que todos os minhotos, ou quaisquer portugueses que visitem a Ribeira-Lima, em vez de procurarem por lá a torpe civilização das grandes urbes, metessem debaixo do braço este *Roteiro* e fizessem com ele o encantado passeio que o livro e as terras de que fala proporcionam a um espírito lusiada...

P. M.

REFLEXOS — por LANDERSET SIMÕES. — São Tomé, 1929.

O sr. Landerset Simões de quem, por várias vezes, o *Magazine Bertrand* tem publicado interessantes crónicas e contos de ambiente colonial, envia-nos o seu livrinho *Reflexos*, colectânea de versos e prosas, envolvida numa edição graciosa e de apurado gosto gráfico.

Não quis o nosso estimável colaborador forçar a popularidade nem tam pouco as portas da Academia com o seu trabalho de agora: o escritor, em quem predominam qualidades de louvável simplicidade e de encantador intimismo resumiu o seu propósito às humildes proporções que a sua modéstia lhe ditava. É o seu livrinho lê-se com todo o desenfado, por vezes mesmo com um certo aprazimento, tal a ingénua tonalidade que apresentam as suas líricas e os seus trechos em prosa.

X.



J. G. — O Conde de Aurora, visto pelo artista espanhol Gil de Vicario

sentimentos puros, as ingenuidades da sua existência e deixa-se levar um pouco pela influência de poetas cuja época já passou mas que ainda hoje os principiantes se julgam no dever de imitar... Daí certas notas melancólicas, certos desânimos e tristezas que, valha a verdade, não são para a idade formosíssima e cheia de ilusões da autora... Por isso lhe aconselhamos que se abstinésse de imitar, ou antes fugisse à influência de idéas que só podem tornar em dia sombrio o ingénua mas prometedor alvorecer que é o seu talento de poetisa...

X.

ROTEIRO DA RIBEIRA-LIMA — pelo CONDE DE AURORA. — Edição do autor. Ponte do Lima, 1929.

Este sim, pertence ao número dos livros que a gente gosta de ler, tamanha e tão benéfica a influência em que nos envolve quando amodorrados pela descaracterizante e réles vida moderna... A formosíssima, a incomparável região do Lima encontrou no sr. Conde de Aurora um apaixonado e amorável panegirista, levando-o a escrever um *Roteiro* que está a cem léguas dos banalíssimos Baedeker, sabedores de todo



Landerset Simões

com muito boa vontade se poderá achar graça, mas que uma vez ou outra envolvem e escondem um conto ou uma crónica de real e autêntico humorismo, quando não o relato simples e comovedoramente contado de qualquer miséria humana. É o exemplo está neste livro póstumo subordinado ao título malicioso de *O condado de Redondo*: são patentes o esforço, a falta de vontade que caracterizam quasi tôdas as situações, as anedotas e gracejos. De vez em quando porém surgem aqui e ali, uma crónica ou conto — e quanto nos aprás dizer isto! — que afoitamente se podem classificar de bons, como por exemplo *Em louvor de São Tarata, caminhante e martir*, o *«mardi» de Madame Farinha*, e *História de João Evangelista*. O resto compõe-se de ninharias, algumas vezes pouco decentes ou, pelo menos, de graça muito duvidosa. Mas, dos trechos acima referidos o primeiro e o último salvam o livro e dão a idéa do que o malogrado escritor seria capaz de fazer se a vida moderna o não houvesse forçado a dispersar ingloriamente na voragem do jornalismo um talento mais do que positivo...

Péssima capa de Alonso.

J. G.

VIAGEM POR LAS ESCUELAS DE ESPAÑA — por LUÍS BELLO. — Tomo IV: *Mas Andalucía*. — Renacimiento. Madrid 1929.

Curiosíssimo livro em boa verdade! O autor cujos conhecimentos de pedagogia são muito maiores do que pretende inculcar pôs-se a calcurriar as terras de Espanha inventariando as escolas nelas existentes e os sistemas de ensino seguidos em cada uma. Resultou daí uma obra interessantíssima a todos os respeito e da qual já quatro volumes se encontram publicados. O que neste momento aqui se abre diante de nós sub-intitula-se *Mas Andalucía* e abrange também as escolas de Tanager: valerá bem a pena que os nossos pedagogos e professores, ou antes aqueles aos quais incumbe a tarefa de fomentar a instrução em Portugal, lessem o livro do sr. Luís Bello. Porque, não se trata dum simples inventário de estabelecimentos de ensino, mas antes de uma exposição fiel, lógica e crítica do que é o movimento pedagógico primário no visinho reino, expondo com toda a clareza as deficiências, apontando sem azedume os erros notados e indicando o remédio a aplicar. A sua leitura parece-nos da maior conveniência por parte dos nossos compatriotas e oxalá aparecesse entre nós quem, dotado com as qualidades primaciais que possui o sr. Luís Bello empreendesse um inquérito semelhante, uma

OS DOIS MAIORES DIRIGIVEIS DO MUNDO

O "R. 100,, E O "R. 101,,

Há tempos, Lisboa e uma parte do país assistiram, com a admiração que é de calcular à passagem do grande dirigível alemão «Conde Zeppelin». Todos os que viram a

aerônave ficaram espantados das suas dimensões grandiosas e não poucos, estamos convencidos, conjecturariam como se podia manter e singrar no espaço um engenho tão

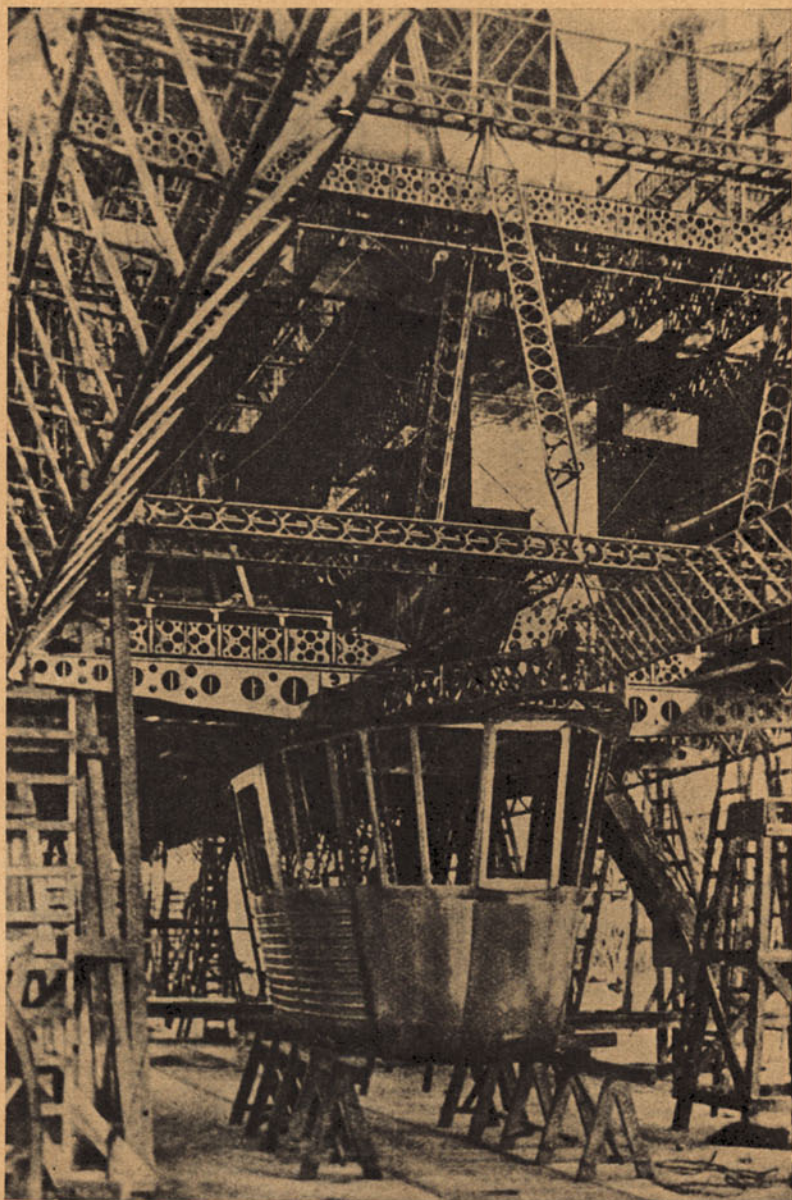
monstruoso. O espanto desses muitos aos quais fizeram confusão as proporções vastas da grande aeronave certamente subirá de ponto quando lhe comunicarmos que há ainda aeronaves mais gigantescas, os dois dirigíveis britânicos «R-100» e «R-101» — os maiores do mundo — cuja construção está a ser ultimada nos estaleiros de aeronaves de Owden, em Yorkshire, Inglaterra.

A construção destas duas aeronaves foi motivada pelo desejo que a Inglaterra tem de comunicar rapidamente com as suas possessões da África do Sul, Austrália, Índia e o Canadá. Estabelecidas já, há muito, as linhas marítimas que julgou necessárias para a sua expansão e domínio dos mares, espalhados já os depósitos de carvão e petróleo para assegurar essa expansão, estuda agora a Inglaterra o estabelecimento de linhas aéreas, devidamente equipadas, para os seus vastos domínios.

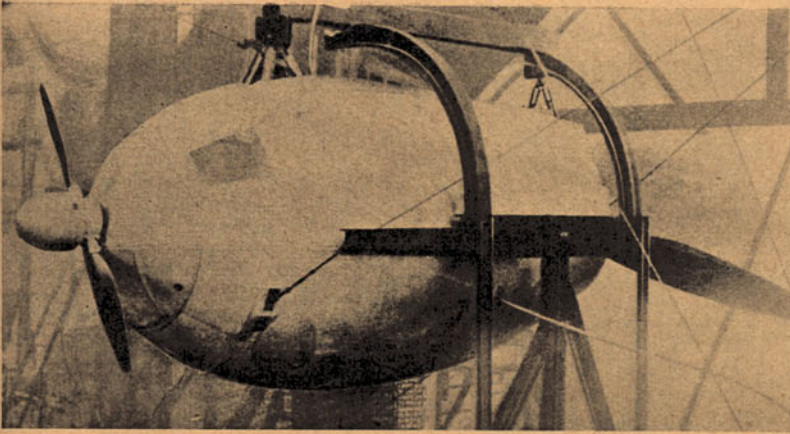
Esse estudo, porém, é mais vasto do que se supõe. Subtilmente a Inglaterra estuda a maneira mais rápida e mais eficaz de comunicar com a Índia em caso de guerra, aplacando assim as dificuldades e contratempos que as suas armadas poderiam encontrar em Gibraltar, no Mediterrâneo, no canal de Sués e no estreito de Bab-el-Mandeb onde a força das circunstâncias obriga os navios a seguirem um caminho de todos conhecido, ficando assim à mercê dos adversários aéreos e submarinos.

Foram estas circunstâncias que levaram a nossa aliada a construir os dois grandes cruzadores aéreos que não poderão ser torpedeados nem bombardeados senão com dificuldade, voando o adversário por cima d'elles. Pelo menos assim o esperam. Estes enormes dirigíveis diferem muito, sob o ponto de vista técnico, das aeronaves alemãs, pois que o «R-100» e «R-101» são propulsionados, cada um, por cinco motores «Diesel» de 650 H. P., num total de 3.250 H. P., alimentados a óleo pesado, especial, enquanto os dirigíveis alemães, como o «Conde Zeppelin» são propulsionados por motores de explosão funcionando com carburante gasoso.

Para avaliar da desproporção entre os dirigíveis britânicos e o «Conde Zeppelin» basta dizer que este, que conseguiu fazer a difficil travessia Europa-América, tem apenas uma capacidade de 105.000 metros cúbicos enquanto os ingleses têm 141.000. Os dois dirigíveis, que medem 220 metros de comprimento e 40 de diâmetro médio, têm um raio de acção de 6.440 quilómetros, sem escala, podendo navegar a 112 quilómetros à hora.



Uma das cabines dos dirigíveis



Um dos motores Diesel, de 650 H. P., dos dirigíveis «R-100» e «R-101»

Os motores são de grande segurança porque se suprimiram os carburadores e os magnetos. Como dizemos, empregam um óleo pesado especial cuja composição é secreta, sabendo-se, no entanto, que o seu ponto de inflamação é muito baixo. Sabe-se também que a sua fluidez é tal que resiste a todas as temperaturas.

O combustível líquido está arrecadado em depósitos numa cabine que pode transportar 37 toneladas. Em caso de necessidade poder-se-hia elevar o combustível a 45 toneladas, bastando para isso despejar os depósitos de água de lastro. Mediante bombas de ar comprimido, a água contida nesses depósitos, num total de 15 toneladas, pode ser levada a qualquer parte dos dirigíveis a fim de manter o seu equilíbrio.

O gaz utilizado é o hidrogénio. Evita-se, certamente, empregar o hélio que é escasso e caro, tendo, no entanto, a vantagem de não ser inflamável, o que o recomenda em tempo de guerra.

As cabines de passageiros estão instaladas no interior e à pópa. Agrupam-se em dois andares; no superior está a sala de recreio disposta de maneira que os passageiros possam contemplar o panorama através as janelas, a sala de jantar que pode comportar 50 pessoas e vários camarotes com duas e quatro camas. No andar inferior estão instalados o posto do comando, o de T. S. F., cozinha e salão de fumar. Os dirigíveis estão munidos de um sistema de iluminação eléctrica perfectíssimo.

Quando a temperatura a bordo é muito baixa, o ar enviado pelo ventilador é previamente aquecido por um aparelho alimentado pelo vapor que provém dos motores.

Os serviços meteorológicos estão tão bem montados que, entre Cardington e Karachi, pode dispor-se de mapas sinopticos que assinalam as direcções dos ventos e a sua velocidade normal nos diversos lugares da derrota que seguirá o «R-100», os ventos mais fortes que poderá encontrar, a frequências das tempestades, etc.

Os centros meteorológicos de Carlington, Malta, Ismailia, Bagdad e Karachi podem permanecer constantemente em comunicação não só entre si, como também com o dirigível em vôo, informando a cada instante, por meio da T. S. F., das condições meteorológicas.

A primeira linha aérea a estabelecer é de Londres à Índia.

As coberturas da base aeronáutica de partida — Carlington — estão terminadas, assim como a torre de amarração que é para os dirigíveis o que a bóia é para os cruzadores.

Em Ismailia foi já concluída a torre de amarração assim como os apetrechamentos de hidrogénio. Em Karachi, grande porto do Indústão, todos os trabalhos desse género estão também em via de conclusão.

Certamente se estudará também a grande base naval de Singapura, chave dos mares da China, da Insulíndia e da Austrália.

As linhas do Canadá e do Cabo estão previstas e estudadas. Para a primeira foi construída uma torre de amarração em S. Humberto e para a segunda está-se também construindo outra em Granville, próximo de Durban. A distância que vai deste ponto a Ismailia é de cerca de 7.000 quilómetros e, portanto, excessiva para o raio de acção das aeronaves. Devido a isso será talvez estabelecida uma base na Uganda equatorial ou nos arredores do lago Vitória.

Pelo exposto vê-se que a nossa velha aliada não quer deixar aos alemães a primazia dos ares, aproveitando-se dos últimos progressos científicos para dar a maior segurança aos seus cruzadores aéreos que se podem transformar, rapidamente, nas mais potentes e perigosas armas de guerra — pelo menos assim o diz a imprensa alemã que não vê com bons olhos o arrôjo dos ingleses.



O grande passadiço dos dirigíveis que virá a servir de passeio dos passageiros e comunicação entre as várias dependências



T A B O A N O N A

APATE — Em campo vermelho uma cruz de prata, florenciada.

De gueules, à une croix d'argent, florencée.

TIMBRE: Uma flor-de-liz do escudo.

ARAGÃO (de D. Pedro, bastardo de D. Pedro III) — Em campo de oiro, quatro palas de vermelho.

D'or à quatre pals de gueules.

D'azur, au chevron de gueules bordé d'or, chargé en chef d'un écusson d'argent à une bande de gueules chargée de trois araignées d'or, le chevron accompagné de trois fleurs-de-lis d'or.

CIMIER: *Une fleur-de-lis de l'écu.*

D'azur, à une tour d'argent, sommée d'une dame issante de carnation vêtue de gueules, et accompagnée de 3 fleurs-de-lis d'or rangées en chef.

CIMIER: *Une faucon au naturel.*

ARAGÃO (de Rodrigo Afonso) — Em campo de oiro, quatro palas de vermelho.

TIMBRE: Um toiro sainte de vermelho.

D'or à quatre pals de gueules.

ARANHA (de Diogo Annes) — Em campo azul, uma asna de prata, carregada em chefe de um escudete de vermelho com banda de prata carregada de 3 aranhas de negro, a asna acompanhada de 3 flores-de-liz de oiro.

TIMBRE: Uma flor-de-liz do escudo.

ARCA (de Vale de Arca) — Esquartelado: 1.º e 4.º em campo de oiro uma facha de vermelho; 2.º e 3.º xadreado de vermelho e oiro de 3 peças em facha e 4 em pala.

TIMBRE: Um galgo sainte de negro, colorado de duas tiras do xadrês do escudo.

Ecartelé: 1.º et 4.º d'or, à la fasce de gueules 2.º et 3.º échiqueté de gueules et or de 4 tires de 3 pointes.

CIMIER: *Un levrier issant de sable, colleté de 2 traits de l'échiqueté de l'écu.*

ARAGÃO (de D. Afonso filho de D. Afonso IX) — Em campo de oiro, quatro palas de vermelho.

TIMBRE: Um toiro sainte, de vermelho, colorado e chocalhado de oiro.

D'or à quatre pals de gueules.

D'azur, au chevron d'argent chargé en chef d'un écusson de gueules à une bande d'argent chargée de trois araignées de sable, le chevron accompagné de 3 fleurs-de-lis d'or.

CIMIER: *Une fleur-de-lis de l'écu.*

ARCA — Em campo de prata 4 faxes de vermelho.

TIMBRE: Um galgo sainte de negro, colorado de 2 tiras de xadrês de oiro e vermelho.

D'argent, à quatre fasce de gueules.

CIMIER: *Un levrier issant de sable, colleté de deux traits d'échiqueté d'or et de gueules.*

CIMIER: *Un taureau issant de gueules, colleté et clariné d'or.*

ARANGO — Em campo de prata, seis gralhos negros, postos 2, 2 e 2.

TIMBRE: Um gralho do escudo.

ARAUJO (de Álvaro Pires) — Em campo de prata, uma aspa de azul carregada de 5 besantes de oiro.

TIMBRE: Meio mouro sem braços, vestido de azul, com capelhar de oiro.

D'argent, au sautoir d'azur chargé de 5 besans d'or.

CIMIER: *Un demi maure sans bras, habillé d'azur, au capuchon d'or.*

ARCE — Em campo de prata 5 flôres-de-liz de azul, postas em santor, bordadura xadreada de vermelho e prata de duas tiras.

TIMBRE: Uma flor-de-liz do escudo.

D'argent à 5 fleurs-de-lis d'azur, posées en sautoir, à la bordure échiquetée de deux traits de gueules et d'argent.

CIMIER: *Une fleurs-de-lis de l'écu.*

D'argent, à six corneilles de sable, posées 2, 2 et 2.

CIMIER: *Une corneille de l'écu.*

ARANHA (de Diogo Annes) — Em campo azul, uma asna de vermelho perfilada de oiro, carregada em chefe de um escudete de prata com uma banda de vermelho carregada de três aranhas de oiro, a asna acompanhada de 3 flores-de-liz de oiro.

ARAUJO (da Galiza) — Em campo azul, uma tôrre de prata rematada por uma dama, sainte de carnção, vestida de vermelho, e acompanhada de 3 flores-de-liz de oiro, alinhadas em chefe.

TIMBRE: Um faleão de sua côr.

ARCO — As mesmas armas de Andrade do Arco.





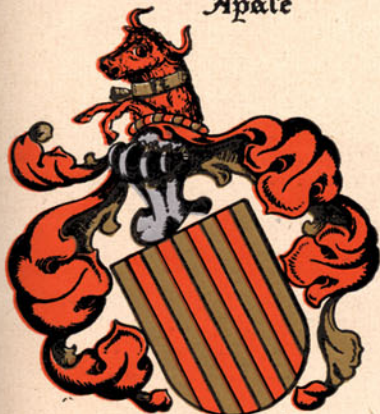
Apate



Aragão



Aragão



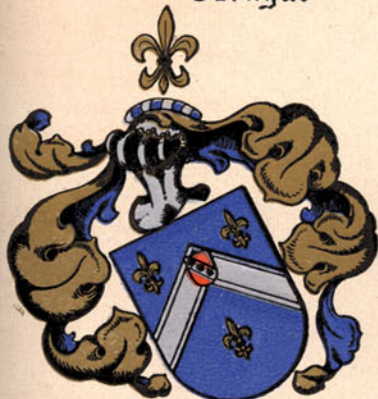
Aragão



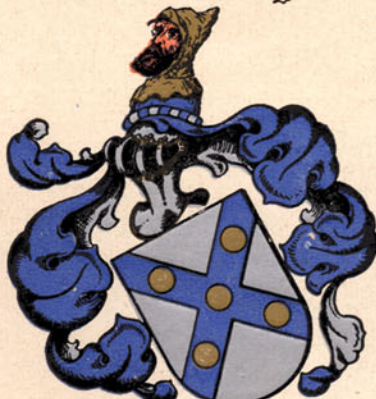
Arango



Aranha



Aranha



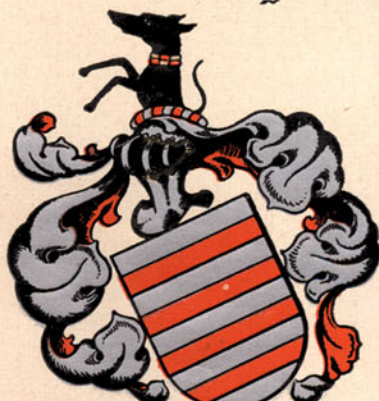
Araujo



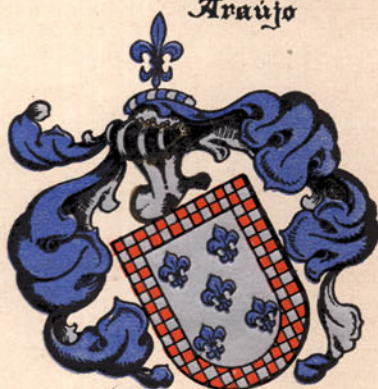
Araujo



Arca



Arca

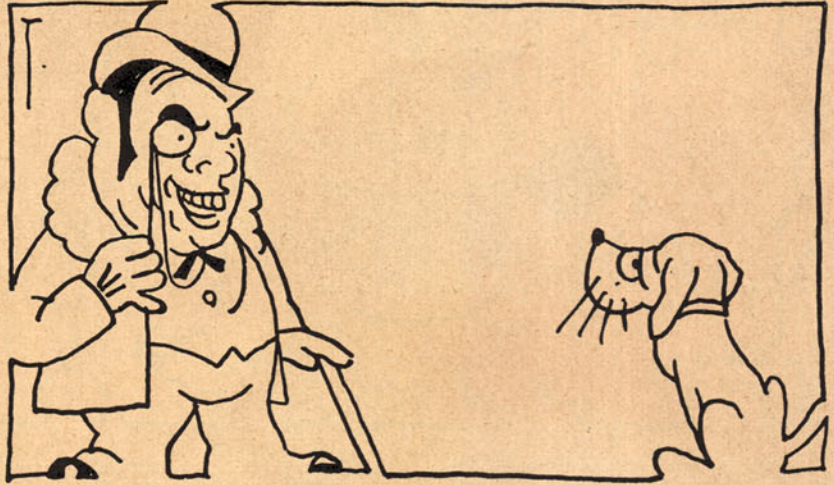


Arce

FIGURAS ÊXCÊNTRICAS DA NOSSA TERRA

ROMÃO
GONÇALVES,
TENOR
ANFÍBIO

COMO ELE CANTAVA NA «FITA»
—O SEU GRANDE ÊXITO AGRÍCOLA—O LICÔR DE SUA INVENÇÃO—UM GRANDE COMBATE DE «BOX»—A CHEGADA DO REI DA BÉLGICA—AS SUAS «TOURNÉES» PELO ESTRANGEIRO—A SUA ACÇÃO REVOLUCIONÁRIA



carada de par em par, mostrando a joalheria dos seus dentes, Romão gritava, e a sua voz era tão cheia e poderosa, tão violenta e indignada, que as próprias paredes estremeciam de pavor.

circunvagando o olhar amedrontado, e os *croupiers*, sem interromperem nunca a faina grave de recolher os patacos perdidos, murmuravam extasiados:

— Este Romão é um grande cantor...

E o murmúrio de admiração que corria scelerre pela sala, como a brisa pela superfície enrugada de um lago, era apenas interrompido pelos brados de boa e má sorte:

— Doze!... Vinte e três!... Dois zeros!...

A partir dessa noite inolvidável em que a *Fita* — assim se chamava o clube de Romão que mostrava já, naquela data, a sua futura e irresistível inclinação para o cinema — e o seu avantajado proprietário se nos revelaram, começámos a seguir, embora de longe, a vida original e estranha de Romão, tenor, industrial de jôgo de azar, *boxeur*, nadador, actor de cinema e fabricante de licores.

Soubemos do formidável êxito agrícola de alguns dos seus espectáculos, em que após o *Barbeiro de Sevilha* e a *Tosca* medravam no palco, com estupenda pujança, cenouras, batatas e cebolas; soubemos também da inquebrantável persistência com que o artista, mal compreendido por um público ignorante das subtilidades do bom canto, arrostava com a fusilaria de géneros alimentícios que a platéia enfurecida lhe disparava, e quando nos dispunhamos a fazer subir mais um furo a nossa admiração pelo cantor, eis que êle se nos revela sob outro aspecto mais estranho e maravilhoso: — o de fabricante de licores.

Esta mutação inesperada no génio de Romão surpreendeu-nos. Duvidámos a princípio, mas a breve trecho os grandes cartazes anunciadores do *Romanine*, genial criação do não menos ge-

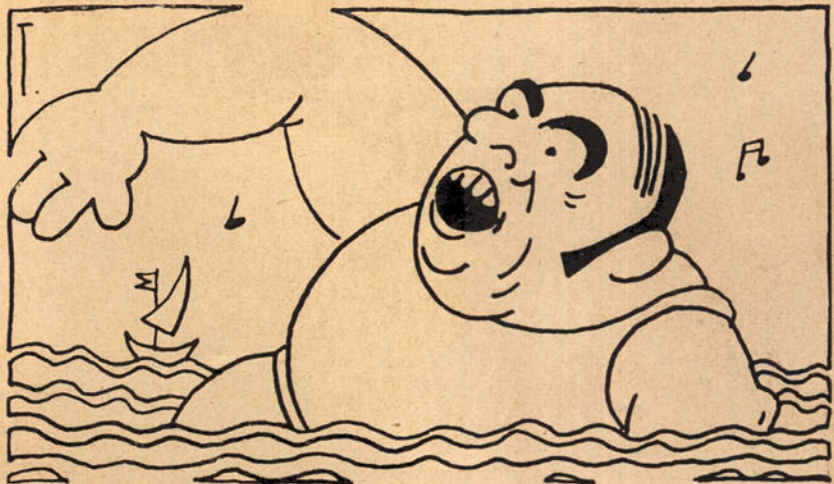


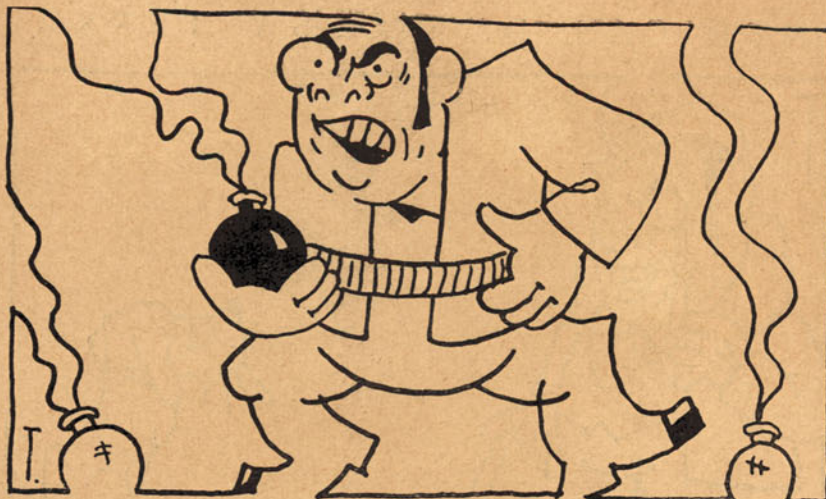
Em uma sala mal decorada, um piano velho e desafinado; em outra, contígua e mais ampla, duas roletas, que giravam ininterruptamente, cercadas de multidão de porte duvidoso: assim era um clube que existiu, há uns bons quinze anos, na rua Primeiro de Dezembro. Foi aí que nós, desde tenra idade atraídos pelos espectáculos inéditos, sensações fortes e scenas emocionantes, encontramos pela primeira vez Romão Gonçalves, tenor, *boxeur*, actor de cinema e fabricante de licores.

Êle era, nesse tempo, pouco mais ou menos como é hoje: mais alto do que baixo, extraordinariamente gordo, olhos escuros, inexpressivos, face abolachada, dentes cravejados de ouro e brilhantes, mãos papudas atravancadas de anéis e, a distingui-lo dos outros mortais, a vincular um traço indicativo do seu espirito original de artista, grandes patilhas negras do tempo do romantismo.

Das inúmeras faculdades que possui, a de cantor é, sem dúvida, a mais saliente e a que êle mais preza — e com razão — porque foi essa que lhe deu um grande nome em todo o mundo civilizado. Ainda recordamos, saudosos, a nossa primeira visita ao seu clube. Cantava êle nessa noite qualquer coisa que para sua garganta apurada era uma brincadeira infantil — o prólogo dos *Palhaços*. Suas mãos airosamente pedradas, brutais de energia e entusiasmo, esmagavam sem piedade as teclas de marfim, gemebundas e cansadas. Olhos em alvo, cabeça reclinada para trás, a caverna de sua boca escan-

No salão ao lado, onde a minúscula bolinha da roleta saltitava contente e nervosa aos caprichos da sorte e em perfeita harmonia com os desejos do artista, os *points*, ao escutá-lo, esqueciam por momentos seus sonhos de fortuna,





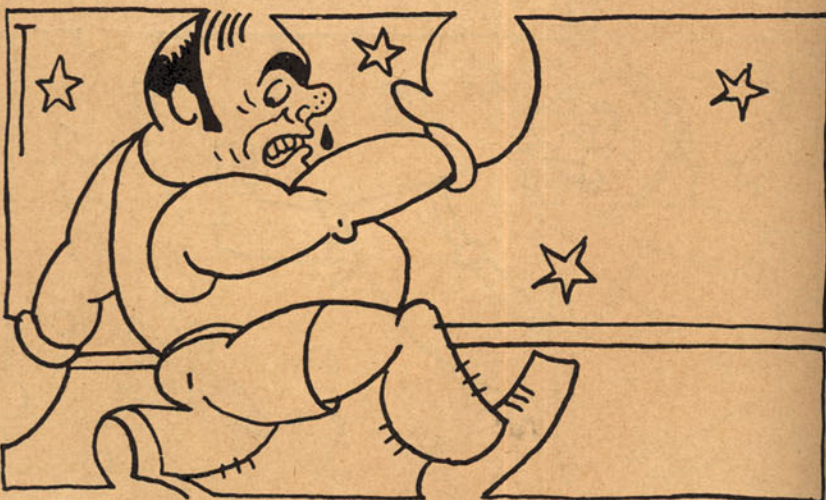
nial tenor, faziam calar imperiosamente as nossas dívidas. Segundo o seu inventor, *Romanine*, que se consome em todo o mundo culto, robustece os fracos, alegra os tristes, enriquece os pobres, enrija os tecidos musculares e clarifica a voz, como o cloreto embranquece a roupa. Estava achado o segredo da força, da alegria, da abastança, da resistência e da maviosa voz do tenor Romão: ele era o principal consumidor do seu produto. E, como é generoso de alma, não guarda só para si os benefícios da miraculosa bebida; três às vezes consigo uma garrafa cheia e, às mesas dos cafés, distribui cálices pelos amigos, todos unânimes em achá-la esplêndida, assim gratuita e gentilmente ofertada.

Foi certamente confiado no apoio fiel e forte do seu licor verde esmeralda, que Romão, há tempos, assistindo no Coliseu dos Recreios a um terrível combate de *box* entre dois campeões estrangeiros, se ergueu do seu *fautuil* de orquestra e abeirando-se, — com grande assombro da assistência, — do vencedor, desafiou-o para o dia seguinte. O público, delirante de entusiasmo, ovacionou-o. Aquele gesto era de uma audácia espantosa. E o empresário, que viu naquele acto, não apenas uma atitude corajosa, mas um negócio rendoso, firmou com ele, nessa mesma noite, um contracto sólido e adiantou-lhe até alguns dinheiros.

Mas no dia seguinte, com grande contrariedade do público, a empresa adiava o espectáculo por vinte e quatro horas. É que Romão, ao que parece, esquecera-se totalmente de aparecer. Possivelmente, o *Romanine* ter-lhe-ia transtornado a memória e, para lhe avivarem, puseram-se dois detectives em campo que breve o foram encontrar, feliz e descuidado, tratando dos seus negócios.

Os agentes iam munidos de pistola e Romão, apenas de *Romanine*, o que a-pesar de tôdas as

qualidades atribuídas ao excelente licor, tornava a luta desigual. As pistolas, nesse dia, não deixaram de perseguir-lo, sempre ameaçadoras, até à hora do espectáculo. Realizou-se este perante um público irrequieto e numeroso. O combate



foi violento. Romão provou, durante muitos rounds, quão resistente era o seu arcaboço. O rosto ficou-lhe reduzido a um bolo informe e ensangüentado.

Houve, porém, quem notasse que o atlético tenor olhava mais para certos pontos da platéa do que para o seu adversário. É que os

agentes lá estavam com as suas pistolas e estas, mais do que o licor tonificante, impediram-no de tombar *knock-out* logo ao primeiro round.

Esta aventura, indubitavelmente a mais curiosa da vida acidentada de Romão, não lhe furtou a audácia, nem o talento para outras aventuras não menos pitorescas. E uma delas poderia, se quisesse, melhor do que nós, contá-la o rei Alberto da Bélgica.

Quando estes soberano nos visitou, quis Romão preparar um número sensacional. Era preciso que o nosso país apresentasse algo de extraordinário que assombrasse tão ilustre visitante. Romão é um patriota e, além disso, um nadador exímio. Há cartazes do *Romanine* que o apresentam em traje de banho cantando à tona de água. E à tona de água foi ele boiando até junto do navio que conduzia o rei dos belgas. Nadando como uma baleia, olhar erguido para o convés, de onde el-rei o considerava de pupila desconfiada, o tenor anfíbio cantou o hino belga, atroando os ares com aquele vozeirão que, erguido em São Pedro de Alcântara, domina os ruídos da cidade, ouve-se no Rossio.

O vulto de Romão Gonçalves é tão grande, tão corpulento, que nós, portugueses, afastados dos centros cultos da Europa, não o sabemos apreciar. Os estrangeiros êsses, sim, acarinham-no e compreendem-no. Por isso ele, de quando em vez, desaparece de Lisboa na com-

panhia de um cão baixo e atarracado que é todo o seu enlêvo. Succede que no dia seguinte os frequentadores dos cafés do Pôrto o vêem surgir com o seu casaco de peles, se é de Inverno, com o seu fato leve de linho, se é pelo Estio, e ouvem-lhe dizer em voz enfadada:

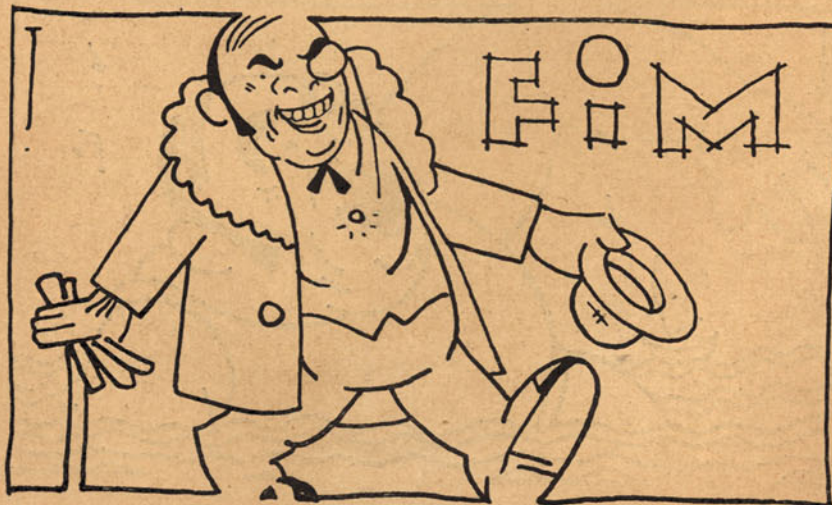
— Venho de uma *tournee* por Itália, Espanha e França. É um público admirável, dá gosto cantar para aquela gente. Na Ópera de Paris fui vitoriado, na de Milão levaram-me em triunfo...

Meses depois, o Pôrto vê desaparecer a sua figura excêntrica e na tarde seguinte ali no Café Chiado, Romão perora:

— Esplêndida *tournee* a que acabo de fazer por França, Alemanha e Itália... Outro público, melhor gente...

Mas ele não viaja apenas em imaginação. Há anos foi pessoalmente ao Brasil. Teve, como artista, os êxitos e as consagrações habituais. O grande país irmão, porém, fez desabrochar nele uma faculdade que em Portugal, embora tivesse tido bastantes ocasiões para isso, nunca se lhe revelara: — a de revolucionário...

Agora anda mais calmo, mais sossegado. Não canta, não nada, nem faz *filas*. É frequente vê-lo, qual pacato burguês, pelos cafés, lendo de sobrolho carregado a imprensa estrangeira de onde, uma vez por outra, respiga uma notícia elogiosa a seu respeito, ou escrevendo longas cartas cujos primores de estilo aliados a graciosas faltas de ortografia tornam a sua prosa encantadora.



A RAINHA DA ROMENIA

E A SUA FUTURA AUTOBIOGRAFIA



A rainha Maria da Roménia

Eu simpatizo com a Rainha da Roménia. Parece-me uma Rainha que tem humor; moderna, portanto. É esta, sem dúvida, a única das soberanas que foca o trono, não de luzes de cenário para uma corte de opereta, mas de reflectores potentes de cinematografia mundial. Entre uma Rainha Guilhermina da Holanda, bem burguesa, com um aspecto pacato, ruivo e bem cevado, e a Rainha Mary de Inglaterra, a Rainha embalsamada por excelência, a vida da Rainha da Roménia não carece de certo encanto humanitário e dinâmico como que filmado pela Metro-Goldwyn-Mayer. A sua recente viagem à América rompe para a monarquia a tradição dos combóios-salões e das carruagens à *grand-Daumont*, onde o sangue real se embrandeceu na molície decadente do ritmo, para injectar na sua corôa uma larga vibração de 150 quilómetros à hora. Os pobres *yankees*, tocando quasi a carne duma rainha legítima sem cheirar a petróleo nem a máquinas Ford, deliravam de gôso. Ela deixava-lhes o seu

Vai, ao que se diz, escrever as suas Memórias a Rainha Maria da Roménia. É caso para felicitar os editores futuros dessa obra, pois que, à sombra do nome literário da soberana romãica e, sobretudo, por via da elevada categoria social da escritora, farão um negócio de costa acima, como soi dizer-se. Dadas, porém, as conveniências e entraves com que, eternamente, vão chocar as expansões íntimas dos reis e rainhas, acaso essas Memórias terão o interesse que justo seria esperar? As tendências modernas e democráticas da soberana romãica encontrarão o desafogo desejado nessas páginas que uma pequena, cuidada e bondosa mão rial vai tracejar sobre fôlhas de velino armoriadas com o braço dos Hohenzollern, hoje reinantes na velha Dácia, último refúgio da Latindade em terras do Oriente?

Eis o que na sua bela prosa, original, culta e moderna, vem hoje estudar nas páginas da Ilustração o ilustre escritor espanhol Juan Gil Albert. Aqui deixamos, pois, o nosso colaborador conversando amável e irónicamente a tal respeito com os nossos leitores... Melhor do que nós lhe dirá o que é lícito esperar — ou desesperar — acerca das inéditas mas já célebres Memórias da Rainha Maria da Roménia...

amplo sorriso outonal, odoroso de genealogias europeias, e, machucando o seu manto litúrgico de arminhos dinásticos (Hohenzollern, Saxónia-Coburgo-Gotha, Brunswick-Lineburgo) comprimia-se dentro das vidraças dum elevador, que a subia luminosa como um foguete ao andar 44 para um jantar de multimilionários de cara rapada. Este momento em que uma Rainha sobe num elevador, — e uma Rainha disfarçada de Rainha ainda para mais, com manto e corôa, e na mão, em vez do sceptro, um leque de auri-
 ðice — deve fazer soar na História das monarquias um timbre de alarme. Recorde-se a atmosfera, viciada sem dúvida, mas de vários metros quadrados, que se respira nas esvaladiças salas do trono. As figuras lá, ocupam um minúsculo espaço, e tódas as coisas, faustos heráldicos e ressonantes, não servem senão para as engrandecer, diminuindo-as até ao inverosímil. É o gracioso processo protocolar: as figuras adquirem o seu



A Rainha da Roménia na estação de Saint-Lazare, em Paris, por ocasião da sua partida para a América

ILUSTRAÇÃO

realce, fundindo-se entre comitivas e pomposas comezainas. E a Rainha da Romania, com tôdas as jóias da família, na montra do elevador, tem um gesto individualista de rito anti-monárquico, diante da comitiva que a vê subir como um meteoro dando luz de brilhantes históricos aos nervos de ferro dos arranha-céus.

A Imprensa rumoreja que a Rainha Maria fará uma viagem, e, imediatamente, tôdas as famílias reais procuram saber para onde a levará a locomotora lustrosa e palpitante. As esposas dos Presidentes da República com os seus chapéus abomináveis, assomam timidamente ao eco das chancelarias, porque receber uma rainha que corta o cabelo, faz literatura e se interessa pelos cacos merovingios, é qualquer coisa que lhes descompõe a técnica de aburguesados oficiais.

Pois agora a Rainha da Romania anuncia um livro de memórias, a sua *Vida*. Este livro há de ser necessariamente falso. Isadora Duncan também nos deu a sua *Vida* após a sua última piruetta com um chaile de sêda veneziana — uma maneira nova e elegante de matar, desconhecida na Renascença — ; mas que diferença há entre uma artista e uma rainha por muito culta que esta seja! As duas representam para um público; mas a diferença, estriba-se em que a artista — se é de qualidade — é sempre desatenta para com os espectadores. Na *Vida* duma rainha, não na verdadeira, mas na escrita tôdas as noites nos seus aposentos particulares sôbre um caderno de pelica com armas de ouro e com miras a uma edição parisiense, tôdas as personagens nos aparecem no que têm de chôchas e convencionais: tôdas são boas, correctas e inteligentes. Não dizem uma só palavra que desentõe. Comem, casam e morrem. Assim, o livro pode ser aprovado como texto para as escolas primárias e repartido nalgum colégio de religiosas aristocráticas pelas alunas maiores como prêmio de fim de ano. Quando já se disse que tôdas as nações são um exemplo edificante de cultura, de cortesia e de patriotismo, sacrificado com um ou outro relato pitoresco sôbre o



Um dos últimos retratos da Rainha da Roménia

«singular encanto» dum lago suíço, «a alegria buliçosa do boulevard parisiense», ou o «feitico-mourisco» do Albaicin, é preciso dar a nota da sinceridade e revoltar-se contra alguém: e então, claro está, é sempre a Rússia quem paga as culpas, agora que o govêrno do Czar não se pode defender.

Atrever-se há, acaso, a Rainha da Roménia a saír do canon das autobiografias reais, deixando com cara de pasmo os metropolitanos, os govêrnos, os cortesãos ou as açafatas? Desconhece-se. Não serão essas toucas de freiras, adoptadas por ela tão distintamente, o prelúdio dalgum isolamento eventual, para mais tarde — quando ela fór

declarada hóspede indesejável em tôdas as nações civilizadas? Seria duma simpatia atraente. Imagine-se a Rainha dizendo-nos a verdade sôbre o Presidente dos Estados Unidos, ou sôbre o Cardeal Primaz. Ela, que é inteligente, saberia dizê-la, mas...

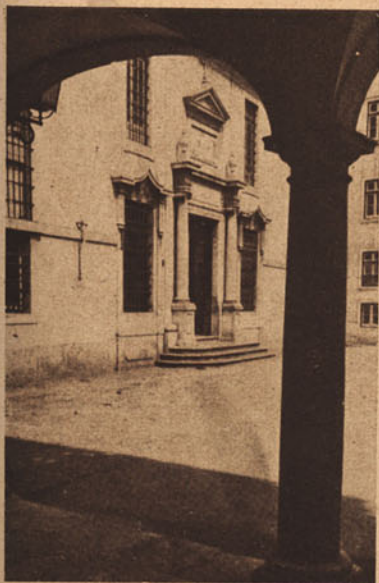
Entretanto, saúdemos na Rainha Maria, a barquita pintada de escarlate juvenil dentro do Oceano de sangue azul das monarquias. O seu mérito estriba-se em ter desperdado o anacrónico ao injectar-lhe umas gotinhas de sangue encarnado.

JUAN GIL ALBERT.

(Inédito e especial para «Ilustrações».)

OS PATEOS DE LISBOA

SUA PROVÁVEL ORIGEM — O PALÁCIO DE D. FRADIQUE — BREVE NOTÍCIA DA PRIMEIRA UNIVERSIDADE PORTUGUESA — FELIZ OPORTUNIDADE PARA SE FAZER A HISTÓRIA DOS ALMOTACÊS E DAS «CASINHAS DA ALMOTAÇARIA» — O PÁTEO ONDE NASCEU ALEXANDRE HERCULANO — RÁPIDAS IMPRESSÕES DO CRONISTA



O pátio de Santa Joana com os seus esplêndidos restos de arquitectura setecentista...

As cidades, principalmente aquelas que têm as suas origens em épocas já remotas, oferecem características particulares muito curiosas, não só nos seus pormenores arquitectónicos como nos hábitos dos seus moradores que lhes vão sendo transmitidos pelas gerações que se sucedem.

Lisboa, como todas as outras velhas cidades, tem também naqueles bairros ainda murallhados às fúrias iconoclastas do progresso, as suas características de arcaico burgo notável. Várias são essas particularidades, algumas delas herdadas dos antigos povoadores. Os pátios, por exemplo, devem ser um legado dos serraenos.

Esta nossa suposição baseia-se no facto de os grandes desses povos abrirem no interior dos seus palácios e nas suas mesquitas vastos pátios, quasi todos um verdadeiro mimo de arquitectura, como hoje ainda se pode admirar em algumas mesquitas da península transformadas depois em templos cristãos.

A imitação, que é supremo defeito das sociedades, ainda daquelas que, como a dos árabes, atingiram um grau de perfeição hoje quasi igno-

rado, levou as camadas desafortunadas de bens materiais a copiar os seus senhores, edificando as suas casas de maneira a deixar um pátio que era utilizado comumente. Davam-se assim a

Os pátios, cuja origem nos parece ser a que indicamos, constituem uma das curiosidades da nossa capital.

Alguns d'elles fornecem bons elementos para



Pátio do Gil, à rua de S. Bento, aonde nasceu Alexandre Herculano.

ilusão de viverem no interior de um *sharadjib* entre os perfumes de *azahar* e *arrayan* das *odaleuks*...

o estudo da arquitectura dos séculos pretéritos, como o pátio do Carrasco, antigo pátio do Gama, no largo de S. Martinho, onde se erguia a igreja d'este nome, do século XII. As casas do pátio são anteriores ao terramoto. O seu nome, pelo que consegui averiguar, provém de ter ali habitado um antipático sujeito que tinha por missão executar legalmente os seus semelhantes.

Subjacente a este pátio, na travessa das Mercieiras, paralelo às ruas do Limoeiro e do Barão, fica o pátio do Marechal, onde residiram os condes de Vila Nova de Portimão.

Este pátio, hoje já muito transformado, está situado abaixo dos casarões do Limoeiro e pela parte do sul de um muro ou parapeito de pouca altura, domina sobre um barrocal o largo de S. João da Praça.

Antes de chegar ao pátio observam-se no paredão norte da travessa, vestígios de muralha, como de castelo, com aparência de muita vetustez. Eram provavelmente os envasamentos que sustentavam o palácio dos condes de Vila Nova, cuja frontaria e pátio deitavam cá em cima, do outro lado, para defronte de S. Martinho.

«No pátio do Marechal tinham ao tempo do terramoto os avós do nosso bom genealogista João Carlos Feo um prédio que ardeu em 1755, além de outras cinco propriedades por ali; constava esse tal de 54 casas, pátio de entrada, jardim, oficinas, etc.; confrontava com a igreja de S. Jorge e com o palácio dos Vila-Nova (1)».

O pátio de D. Fradique, acessível pela rua do Cego e antigo Chão da Feira, entrada principal do Castelo, é o maior de Lisboa, maior mesmo que algumas aldeias. Está encostado às primi-



Pátio do Tronco, à rua Eugénio dos Santos, aonde existiu uma das mais antigas cadeias de Lisboa

(1) «Lisboa Antiga», Júlio de Castilho.

tivas muralhas do castro, vivendo nele muitas centenas de pessoas, algumas das quais trabalhavam nas fábricas que lá estão situadas.

Provém o seu nome, ao que se supõe, de um palácio que ali havia e que está mencionado numa relação antiga dos palácios de Lisboa: *Palatium Federici*. Na mesma relação: *Palatium Roderici de Figueiredo quod est contiguum palatio D. Federici*. Este segundo palácio é o que ainda se conserva no pátio. Pertence à família Belmonte, cujas armas (Figueiredo, cinco fôlhas de figueira em aspa) ainda lá se podem ver sobre o portal junto à esquadra de policia.

No local ocupado hoje pelo pátio ficavam as Escolas Gerais — a primeira Universidade por-



Pátio do Santíssimo, no Castelo, aglomerado pitoresco de casario junto das vetustas muralhas da Lisboa antiga

tuguesa — instaladas primitivamente numas casas de aluguel. Edificou-se depois no local residência apropriada, no sítio mais alto e desafogado do bairro dos escolares, fora dos muros da cidade a fim de apartar a estudantada dos «centros da gente pacata».

Este sítio era conhecido pelo Campo da Pedreira «...acima da igreja de S. Tomé contra o muro velho» — diz Damião de Góis.



Um pátio na Rua Nova do Loureiro, com gatos equilibristas e sébes luxuriantes...

«Devia pois ficar o Campo da Pedreira pouco mais ou menos para a esquerda de quem encara a igreja do Menino Jesus, por ali, talvez no lado setentrional da actual rua dos Cegos, contra o muro velho, isto é, a entestar na muralha moirisca do Castelo, à sombra do magnânimo fundador cuja residência habitual eram os seus paços da Aleçoava» (1).

O Campo da Pedreira pertencia ao cabido da Sé e foi adquirido pelo Rei Lavrador que em troca mandou ao almoxarife Domingos Durães e aos escrivães «que filhedeis lã das minhas casas, ou lã das minhas tendas de essa villa, que valha cada anno trinta e cinco libras de alquer e entregadea ao cabido de Lisboa».

Na opinião de Júlio de Castilho e pelas deduções a que chegou, o Campo da Pedreira onde D. Dinis estabeleceu as escolas e lhes edificou residência, pelos anos de 1300, era a vertente que hoje forma uma parte do pátio de D. Fradique e os quintais das casas da rua dos Cegos.

A Universidade foi mais tarde transferida para

(1) «Lisboa Antiga», Júlio de Castilho.

a actual rua das Escolas Gerais, no sítio onde hoje é pátio dos Quintalinhos, que foi propriedade do infante D. Henrique, a que já nos referimos mais pormenorizadamente (2).

O escritor atrás citado clamou indignadamente contra a destruição dos vestígios da Uni-



Pátio do Saldanha, de mavórtica e marcial denominação

versidade, «aquele santuário que todos deviam venerar, estremece e restaurar... é agora o ignóbil pátio dos Quintalinhos!!!»

No interior de Alfama, naquele bairro secular onde se admira a velha Lisboa labiríntica e suja, rica e mendiga, audaciosa e desconfiada, poética e guerreira, abrem-se também alguns pátios curiosos, ao menos pela sua vetustez.

Um deles, o pátio do Almotác, encravado no interior tortuoso de S. Miguel, vem proporcionar-nos feliz oportunidade para falarmos dos almotacés que eram uns magistrados jurisdiccionais eleitos anualmente em Câmara, por aclamação, pelo alcaide, alvazis e homens bons.

(2) «O bairro da Graça», no n.º 2 do jornal *Actualidades*.



O Pátio do Góis, com enxovais a secar, muitos gatos, alguns canários e um pouco de sol doirado!...



Pátco da Mouraria, com o seu arco característico e pouquíssimo apresentando com referência ao seu título

Consistiam as obrigações dos almotacés em inspecionar a exactidão dos pesos e medidas, os preços das vitalhas e das obras mecânicas, os salários dos obreiros, a limpeza da cidade e, em geral, vigiar pelo cumprimento das posturas municipais. Nos negócios da sua competência edilícia exerciam mesmo jurisdição contenciosa.



Pátco do Carrasco, de velha e lóbrega recordação...

O autor do Dicionário Jurídico, Pereira e Sousa, define assim o almotacé: oficial que tem a seu cargo cuidar na igualdade dos pesos e medidas, taxar, e às vezes distribuir os mantimentos e alguns outros géneros que se romparam e vendem por miúdo. Vem do árabe *Almohtacel*, que se deriva do verbo *braçalba*, contar, calcular (!).

Os almotacés quando entravam em exercício, pagavam 6\$400 réis de jóia a Santo António e juravam sobre os Evangelhos «servir verdadeiramente os seus cargos, guardando o serviço de Deus e da cidade, e às partes o seu direito»; as suas funções duravam quatro meses.

Até 1548 houve quasi sempre dois almotacés,

(!) Cândido de Figueiredo diz provir também do árabe, mas das palavras *al-mohtacib*.

mas neste ano D. João III ordenou que a Câmara elege-se mais dois. D. Sebastião elevou este número a seis, por alvará de 20 de Novembro de 1577. Filipe I, pela provisão de 11 de Julho de 1592, reduziu-os a quatro, para servirem pelo tempo de um ano, e com a condição de serem *letrados*; mas por carta de 6 de Maio de 1590 derogou esta disposição, em virtude das informações que a Câmara lhe ministrou.

Os almotacés não podiam ser postos a ferros senão naqueles casos em que também o eram os fidalgos. Percebiam ordenado pago pela Câmara e 20 réis de cada condenação por falta de observância das posturas. Cada um fazia audiência com os seus escrivães, zeladores e homens da vara em casas distintas, a que se dava o nome de «casinhas da almotacaria». A mais antiga destas casinhas era situada na Ribeira da Cidade.

As penas afflictivas impostas pelos almotacés executavam-se nas picotas, onde os condenados eram expostos à irrisão pública. As almotacarias foram extintas por decreto de 14 de Maio de 1832.

Acêrca das «casinhas da almotacaria» diz Frei Nicolau de Oliveira no seu livro «Grandezas de Lisboa»:

«Na praça publica a que vulgarmente chamamos Ribeira, há hum Tribunal do Juizo dos Almotaceis, em o qual assiste hum dos Vereadores com quatro Almotaceis, que seruem cada quatro meses, e na sua eleição se guarda esta Ordem, que no principio do ano se faz huma Pauta de trinta homens, que possam bem seruir este cargo, e destes escolhem doze para que em cada quatro mezes sirvão tres, os quaes assistem nesta caza, e seruem por suas distribuições às semanas, a saber hum nesta Caza de Almotacaria, onde faz audiência, e despacha as partes, outro serue no açongue, outro na Cidade, e o ultimo assiste à lenha, que uem para os fornos,



Pátco do Almotacé, na vetusta freguesia de S. Miguel, cheio de recordações do velho municipio lisboeta

assi do pão, como da louça, telha e tijolo, e na repartição do carvão. Ha mais quatro escrivães homens nobres, e cada hum assiste conforme a distribuição dos Almotaceis. E destes Almotaceis hai hum duas ou tres vezes com o seu Escrivão ao termo a fazer correição.

Em consequência dos vexames, extorsões e violências que o povo sofria dos contratadores e o mal que eram guardadas as posturas da cidade, deliberou o senado em 1615 não mais



Pátco da Sé: ruínas de vários estilos e destinos vários

arrendar a almotaçaria. Quando em 1742 pretendem novamente contratar as condenações da almotaçaria, a Casa dos Vinte e Quatro enviou-lhe uma petição, da qual extraímos os períodos mais curiosos:

«Tempo houve em que estas condenações se arremataram, porém mostrando ao mesmo tempo os efeitos contrários, e perniciosos absurdos com que os rendeiros preocupados da ambição e revestidos de maliciosos enganos condenavam a quem não deviam, e extorquiam o que lhes não tocava, fazendo avenças com os ricos e destruindo os pobres que se não avençavam, de que resultaram multiplas queixas, informações, devassos e requerimentos, que talvez se conservem no senado; propôs este na real presença dos senhores reis deste reino, que não era conveniente ao povo haver rendeiros das condenações da almotaçaria, mas que deviam eleger-se com o título de zeladores quatro homens bons e honrados do povo, os quais, assistindo nas casas da almotaçaria, requeressem o bem do publico, e, sem vexame do povo, a execução das posturas e as penas adequadas aos transgressores, para cujo fim deviam os mesmos zeladores ser tomados debaixo da protecção, amparo e seguro real, como tudo consta do alvará de 16 de Janeiro de 1615.

«O amparo do povo é o senado que por meio de uma apelação emenda as injustiças dos almotaçados subdivididos; e como poderá o senado bem emendar as injustiças de qualquer almotaçado, se este tem o maior abono dos seus procedimentos nos requerimentos do contratador a quem o senado há-de procurar forçosamente favorecer, para que nem o contratador falte à satisfação do preço, nem haja motivo algum para que vá em decadência a licitação?»

«Isto é no caso de chegar à presença dos vendedores a queixa dos pobres oprimidos; porque o official que v. g. está trabalhando na loja, o vendedeiro que está na sua casa expedindo o povo, o regatão que vem de fora com os viveres para a cidade, mais fácil lhe será perder vinte e trinta mil réis de condenação do que gastar dias, meses, se não forem anos, em demandas com os contratadores, homens poderosos, ricos e abastados, vindo por este modo a importar mais a despesa na falta dos seus officios e obrigações de que o valor das condenações que os

contratadores lhes pretendem extorquir» (1).

Um pátio que merece também ser referido, pois nele nasceu o maior historiador português, é o do Gil, na rua de S. Bento.

Foi primitivamente um aglomerado de barracas, tendo sido mandado edificar mais tarde pelo carpinteiro António Rodrigues Gil, que viveu no século XVIII.

«António Rodrigues Gil foi carpinteiro dos teatros do Conde de Soure, do Salibre e da rua dos Condes. Carpintejava ele nesses palcos quando Pina Manique proibiu que as mulheres representassem e se exhibissem em scena, arvorando-se, então, em defensor e paladino da moral. Ignoro se por pirraça à Intendência da Policia ou se na ideia de angariar alguns lucros, mestre Gil mandou vir da Alemanha uns modelos de fantoches, fabricou-os na sua casa e apresentou aos alfaiinhas, privados da tentação do pecado pelo façanhudo Intendente, cantarinhas e bailarinas de pau» (2).

No pátio foi edificada pelo proprietário uma ermida, à qual deu a invocação de Santo António, não restando quaesquer vestígios dela. Foi ali, como já disse-



Um outro aspecto do pitoresco Pátio do Carrasco



O velhissimo, curioso e histórico Pátio de D. Fradique

mos, que nasceu o maior historiador português, Alexandre Herculano, filho de Maria do Carmo de São Boaventura e de Teodoro Cândido de Araujo.

O largo do Regedor, por detrás do teatro Nacional, era um antigo pátio com aquele nome, o qual por edital da Câmara de 14 de Dezembro de 1863, foi destinado «como praça de homens e mulheres que procuram trabalhos».

Uma das antigas cadeias de Lisboa era no actual pátio do Tronco, na rua Eugénio dos Santos, que foi muito forçadamente frequentada pelos inimigos de Pina Manique. No tempo havia mais duas cadeias, a do Limoeiro e uma no Castelo de S. Jorge, para onde aquele juiz mandava as mulheres de vida suspeita.

Na rua da Mouraria há um pátio com aquele nome, no interior de um edificio que devia ter sido um convento, pois tem semelhanças com as construções conventuais do século XVII.

(1) «Elementos para a Hist. M. Lx.ª», Freire de Oliveira.

(2) «Lisboa depois do terremoto» por Matos Sequeira.

Os pátios têm características uniformes, muito provincianas. Abundam neles as crianças, às quais a sujidade mascara a beleza, deixando antever naqueles rostos descuidadamente caracterizados uma finalidade pouco propícia... Os pátios, na sua maioria, são albergues de miséria onde a fome vagabundei e a desgraça sorri, o seu envidiado sorriso mau.

As mulheres que neles vivem, que limitam o mundo vasto áquele recinto estreito, têm nos rostos fatigados estigmas de sofrimento fáceis de justificar, pois se em alguns dos pátios nem sequer o sol entra!...

Das fotografias que publicamos algumas são bem expressivas.

Em tempos, af por 1902, estiveram na iminência de ser arrasados bastantes pátios. O conselho de melhoramentos sanitários, presidido pelo sr. general Augusto Pinto de Miranda Montenegro, mandou examiná-los a fim de se apurar das suas condições higiénicas, estado de conservação, número de inquilinos e habitantes, etc. Existiam nesse tempo 128 pátios, com 4.783 habitantes, população maior do que a da maioria das nossas vilas. Essa Comissão condenou à demolição 62 desses pátios. Nesse número figurava o típico pátio do Carrasco. Não nos consta que algum deles tivesse sido arrasado.

Um dos mais velhos habitantes dos pátios é a sr.ª Maria de Jesus Silva, que reside, há meio século, no pátio de D. Fradique. Tem a seu cargo zelar pela pequenina capela que ali há, pertencente à família Belmonte, e que, segundo uma lápide colocada à entrada da passagem de tunel, foi fundada em 1674.

Muitos outros pátios há em Lisboa dignos de estudo, e nalguns dos quais se deram factos curiosos que seria interessante trazer a público. A grande escassez de elementos nos impediu de fazer relato mais largo desses típicos recintos da nossa capital.

Limitamo-nos a referir os que achamos mais curiosos, deixando a pessoa competente o insano trabalho de fazer a sua história e descrição.

JOSÉ BARÃO.

(Fotos do autor.)

BANHISTAS DO PAÍS DOS "DOLLARS,"

NAS PRAIAS DA CALIFORNIA

No oval do centro a formosa «estrela» Leila Hyams, vestida de seda, azul e preta, prestes a entrar no seu banho... de sol... É caso para um fulano ver as estrelas!...



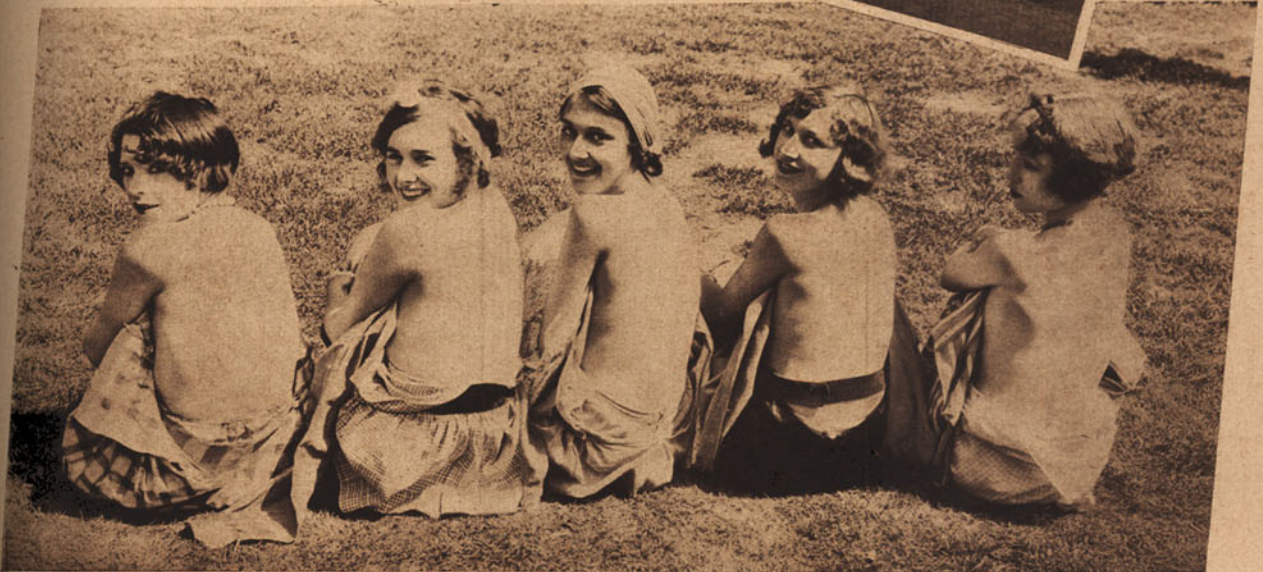
Joyce Murray, aqui ao lado direito, é de opinião que a mulher deve andar sempre fresca. Fresca teoria que até nos causa securas de boca!



O maganão do médico receitou às quatro bailarinas, que o leitor vê em baixo da página, ar fresco, sol e exercícios físicos... Com tais calmínhos de cara, só de propósito, santo Deus!



Raquel Tôres é de parecer que, a semelhante fato de banho, nem um austero eremita poderia resistir. Ainda bem que não estamos na Califórnia!...

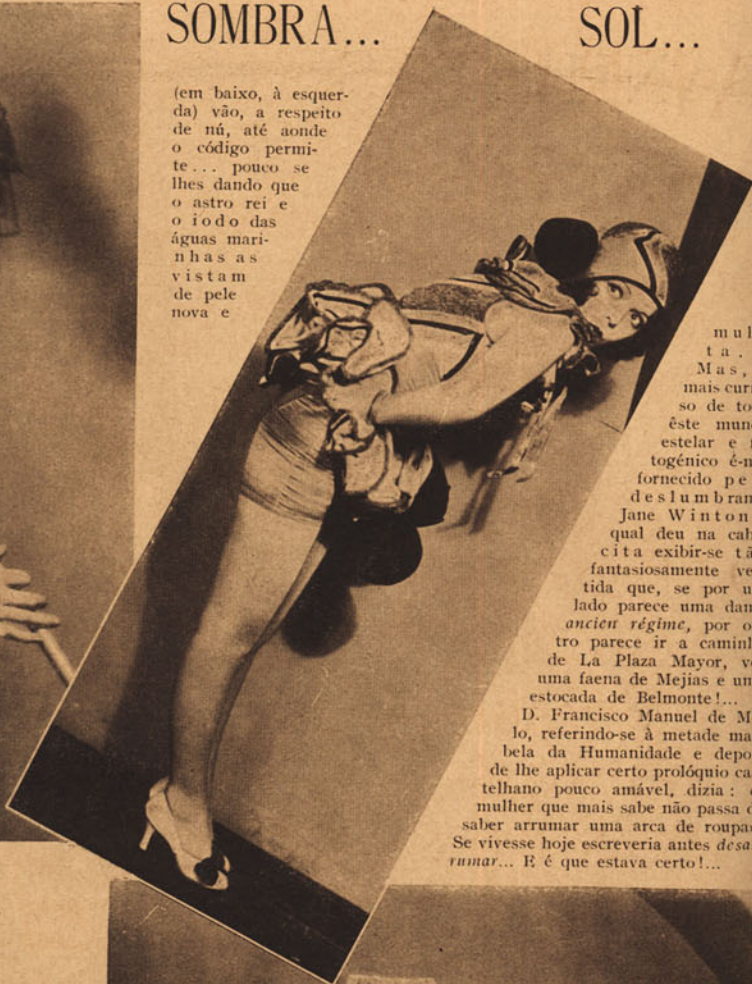


SOMBRA...

SOL...



(em baixo, à esquerda) vão, a respeito de nã, até aonde o código permite... pouco se lhes dando que o astro rei e o iodo das águas marinhas as vistam de pele nova e



mulata... Mas, o mais curioso de todo este mundo estelar e fotogénico é-nos fornecido pela deslumbrante Jane Winton à qual deu na cabeça a fantasmagórica fantasia vestida que, se por um lado parece uma dama ancien régime, por outro parece ir a caminho de La Plaza Mayor, vêr uma faena de Mejias e uma estocada de Belmonte!... D. Francisco Manuel de Melo, referindo-se à metade mais bela da Humanidade e depois de lhe aplicar certo prólogo castelhano pouco amável, dizia: «a mulher que mais sabe não passa de saber arrumar uma arca de roupas. Se visse hoje escreveria antes *desarrumar*... R é que estava certo!...



No seu repouso por praias da Califórnia, as «estrélas» do cinema exibem um eclectismo de opiniões que desconcerta o mais precavido... Se não vejamos. À direita, ao alto, Catarina Dale Owen, opulenta formosura loira, nem por um decreto quer ser morena e, para isso, está bastante vestida e lá tem a sombrinha a livrá-la dos beijos do sol. A seu lado Lally Starr bem como Josefina Dunn



AFRICA NOSTRA



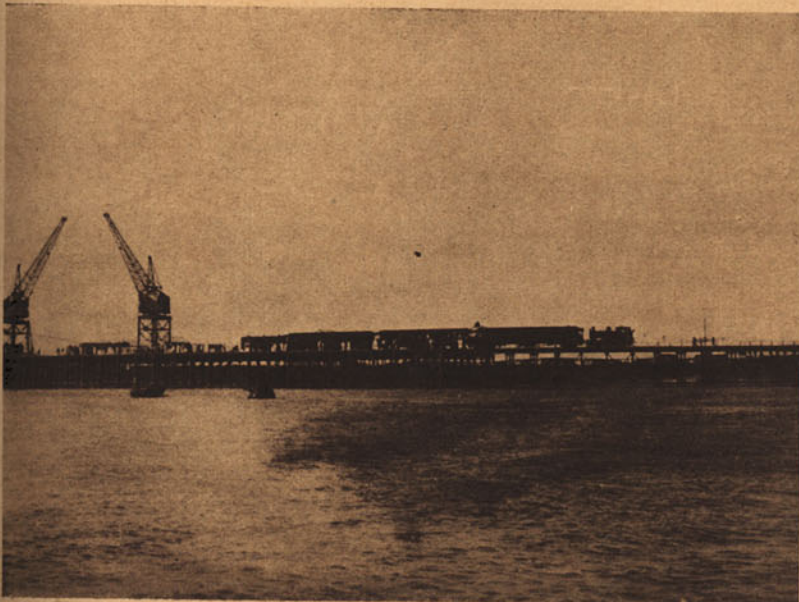
UMA LENDA
QUE SE DESFAZ

O PORTO DA BEIRA E OS SEUS MELHORA- MENTOS

A velha lenda que fazia da África um lugar inhóspito, sáfaro, para onde os corpos iam apodrecer e as almas desesperar de saúde e mágua, a África degrêdo de criminosos e fojo da escória da sociedade, — essa lenda horrível e injusta vai desapare-

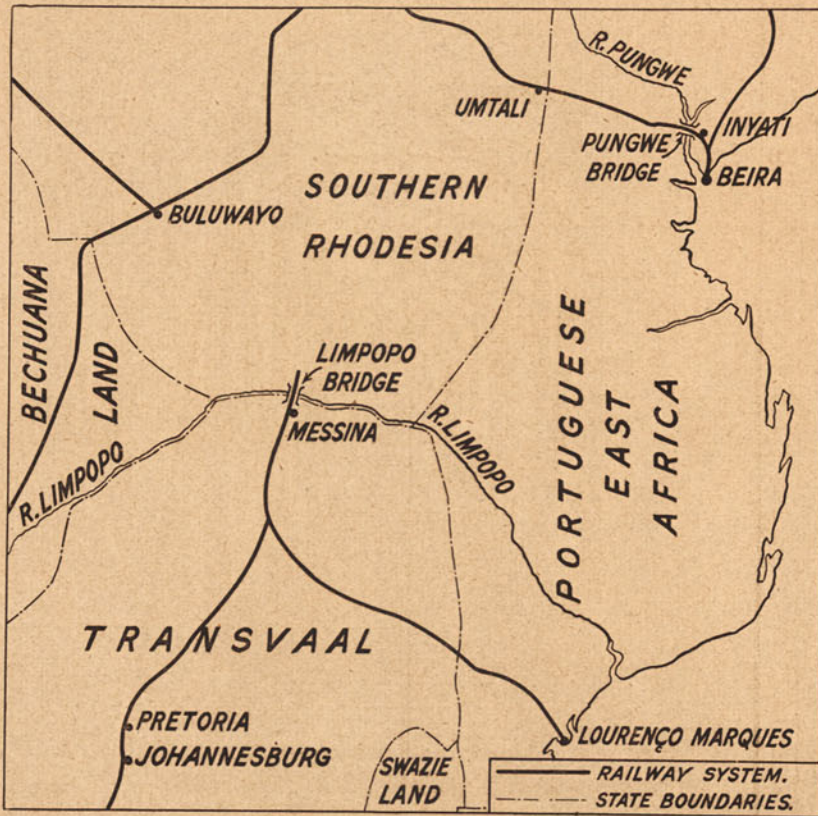


A magnífica ponte do Caminho de Ferro de Lourenço Marques, lançada sobre o Rio Limpopo (Rodésia). Construção de Sir Armstrong Whitworth Engineers C.º Ltd.



cendo pouco a pouco mercê da constante propaganda que as belêsas extraordinárias dessa região abençoada se encarregam de fazer por si próprias... A África Portuguesa, porventura a melhor parte do formidável continente negro, é antes um lugar de benção e fartura, prene de riquezas de tôda a ordem e aonde o esforço do homem se vê recompensado na principesca proporção de cento por um. Prouvera a Deus que a miragem falaciosa dos Brasis cedesse o lugar à realidade consoladora das terras africanas e que o esforço extraordinário desenvolvido por tantos coloniais portugueses conseguisse carrear para os nos-

A ESQUERDA: — A inauguração do pórtio da Beira. — O comboio dos convidados na ponte do magnífico e moderno cais



Mapa dos domínios portugueses e britânicos servidos pelo Caminho de Ferro de Lourenço Marques e pela ponte sobre o rio Limpopo

dermo a oferecer-lhe vantagens. E um exemplo do que afirmamos é dado pelas gravuras que hoje inserimos e as quais bem mostram como é uma lenda o atrazo com que é de uso gratificar os nossos domínios ultramarinos. Lourenço Marques é já de há muito o alvo da cubiça de muitos povos: cumpre à gente portuguesa com o seu esforço civilizador mostrar aos ambiciosos que as nossas riquíssimas e férteis colónias não só foram bem ganhadas pelo esforço guerreiro dos nossos maiores, como nos pertencem bem, nos tempos de hoje e de amanhã, pelo trabalho e energia nelas dispendido pelos portugueses...



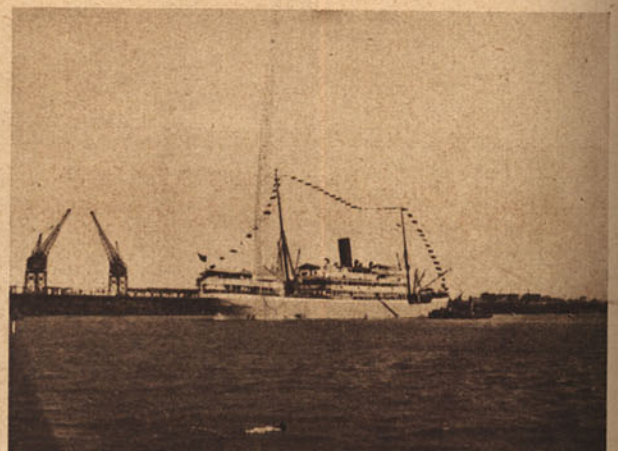
NO MEDALHAO: — A cerimónia da benção do Porto da Beira

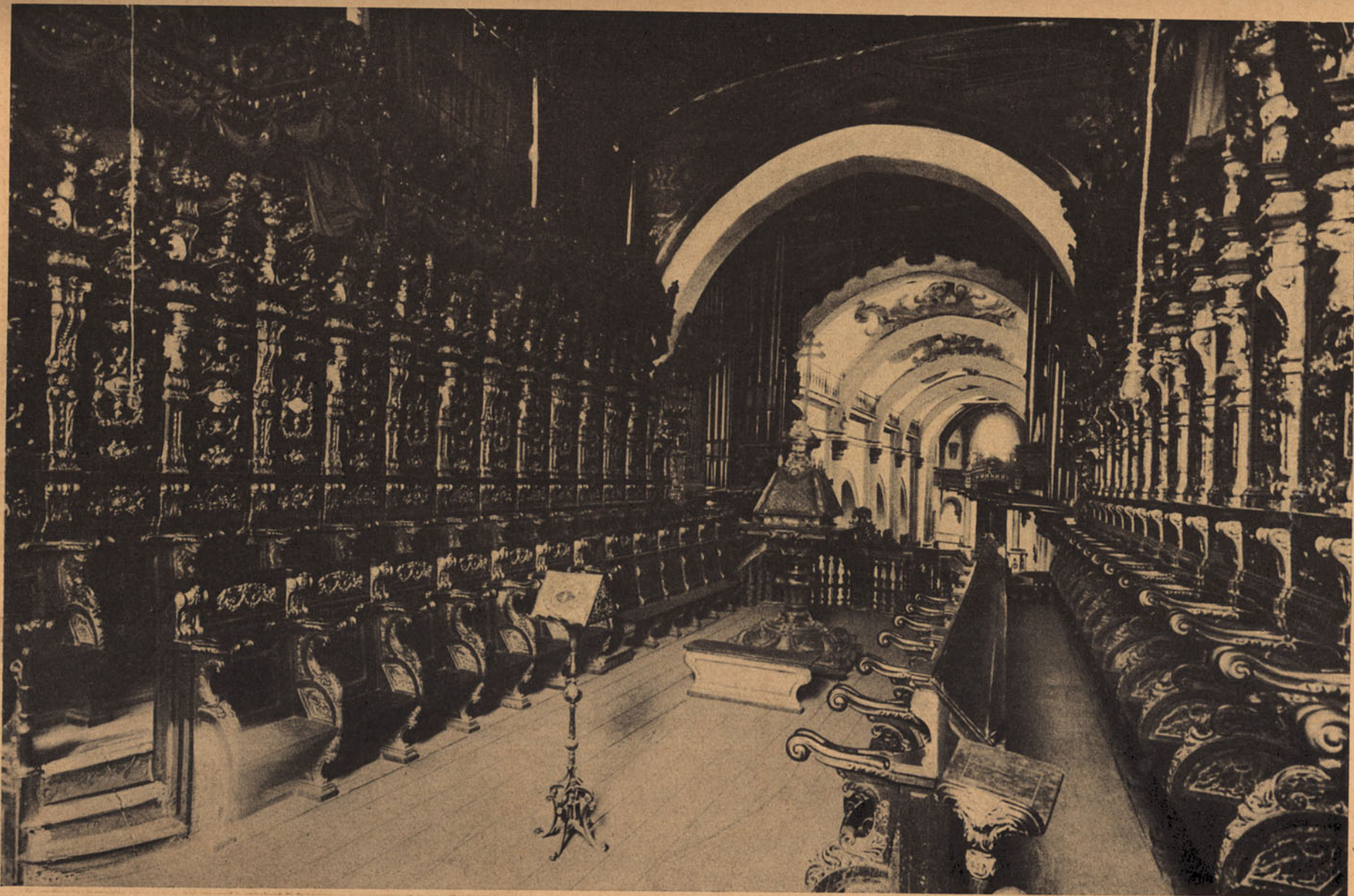
A DIREITA: — Um grande paquete embandeirado em arco e preparando-se para a partida

EM BAIXO, à esquerda: — O «Lourenço Marques» desatrancando do esplêndido cais. À direita: — O mesmo paquete encostando ao cais para desembarcar os passageiros



...os riquíssimos domínios ultramarinos a actividade dos compatriotas que hoje, ou se embrenham nas turpitudes da política ou buscam em muitas terras ilusórias a riqueza que jámais alcançarão... A África, os nossos magníficos domínios de Angola e Moçambique, deveriam ser lugares de eleição para o emigrante português porque, ali, não só o seu esforço seria amplamente recompensado como também ali encontraria o progresso mo-





O MAGNÍFICO E Suntuoso CADEIRAL DO CÔRO DA SÉ DE BRAGA, OBRA PRIMA DE TALHA PORTUGUESA



Uma scena violenta de «Rosario La Cortijera»

O cinema veio criar uma nova arte e com ela sugerir um sem fim de problemas que nunca se tinham previsto. Entre estes, o da *fotogenia* assenta em primeiro lugar. Assim, o vocábulo *fotogénico*, correntemente empregado na tecnologia cinematográfica, e que até aqui ninguém se tinham lembrado de incorporar, não se sabe porquê, na gíria profissional da fotografia, foi agora posto em voga como expressão vulgar pela moderna arte.

É bem de ver que a belêsa, já instituída pelos eternos cânones da fórmula helénica, já proclamada pelas normas remotas da sedução egípcia, senão é condição incompatível, é atributo independente das exigências estabelecidas pela *fotogénia*; geralmente as linhas *académicas* dum rosto per-

CINEMATOGRAFIA ESPAÑHOLA BELEZA E FOTOGENIA



Uma scena de «La Verbena de la Paloma»

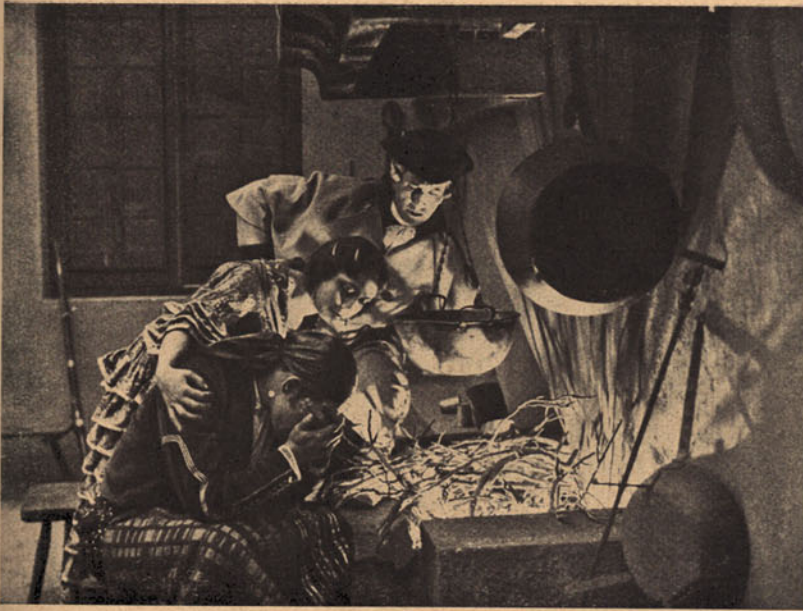


Uma scena do filme «Carceleras»

feito, reconhecido e oficializado por olhos humanos como qualquer coisa digna da contemplação do mundo, não conseguem subsistir nas caprichosas paragens do *écran*.

Pese muito embora à enorme competência que lhe oferece o cinema europeu, orientado, se se quizer, por sendas mais aderidas ao senso comum dos nossos continentes e mais em consonância com os preceitos tradicionais da nossa literatura, onde aliás estriba o seu fundamental equívoco porque o afastam da sua natureza intrínseca — a produção norte-americana, pletórica de recursos técnicos e de valores que continuam sendo um segredo para a produção estranha, ainda lhe serve de exemplo frutificador e marca regras onde a velha Europa, tóda compreensão, austeridade e experiência, vai assentar a base dos seus arraiais.

Tem-se dito muitas vezes que as caras mais belas e insinuantes dos elencos cinematográficos da capital do Novo Mundo, postas sem focos nem *maquillage* a desfilar num desses concursos de belêsa agora tanto em moda e que parecem querer levar a humanidade de hoje para os caminhos sádios da antiga Grécia, obteriam, quando muito, um



camente andaluza. Uma cara andaluza, requinte de graça meridional com pátina árabe, que se transforma de minuto a minuto, por obra de dôr, alegria, perversão, sensualidade e dos mais recônditos sentimentos, que resiste heróicamente a feixes de luz incandescente, e, à luz difusa, toma cambiantes de estranha maleabilidade e raro encantamento: é qualquer coisa assim como o arco iris da sedução humana. Quando uma andaluza chora ou quando uma andaluza ri, tôda ela ri e tôda ela chora, e chora ou ri como ninguém. Raça duma nervosa sensibilidade, extremista nas suas afeições e nos seus desdems, se ama, embora num platonismo respeitável e sensorião, gestos, mímica, suspiros e atitudes desmentem-lhe traiçoeiramente a inquebrantável passividade. Se desdenha, seja o desdem para atrair algum incauto enamorado que desconhece ingenuamente o ladino aforismo *quem desdenha quer comprar*, a expressão de desprezo é tal que nos obriga aos últimos recursos em testemunho dos nossos afectos. Existe na andaluza, pela extraordinária violência do seu dina-

desconsolado prémio de... consolação. Que se resignem as feias! Se os olhos humanos, exigentes e ferozmente egoístas como o frágil barro require, são refractários a lóbrigar encantos onde não pode chegar a sua pobre natureza, lá está o sábio olho da objectiva a contradizer tão desautorizadas opiniões. De resto, em nossos dias, onde há por aí um Adonis que possa competir, no coração duma mulher, com a atracção do cinema? Entre a formosa vergôntea de algum banqueiro judeu e um sedutor contracto em Hollywood, a escolha não dá lugar a hesitações.

Há, porém, um tipo de belêsa espanhola, a que tão afeiçoado é, por sinal, o gôsto português, que consegue a atracção simultânea dos terríveis cânones oculares: os dos homens, deploravelmente imperfeitos, e o da máquina cinematográfica, com as suas tendências peculiares.

Queremo-nos referir à belêsa característi-



Nesta página: Três aspectos do grande filme «La Hija del Corregidor»



mismo psíquico, um tipo genial de mulher-actriz. Assim, não é de estranhar que no cinematógrafo, arte cuja virtude dramatólogica reside na fôrça dos contrastes, todos estes contrastes da fêmea andaluza consigam os máximos resultados de *fotogénia*.

Primeira figura das hostes cinematográficas espanholas é, sem dúvida, Elisa Ruíz Romero *La Romerita*, uma maravilhosa expressão de belêsa sevillhana a quem o nosso público vai dando as suas preferências. As fotos que publicamos apresentam a formosíssima artista em sugestivas scenas dos mais famosos filmes que tem interpretado, todos êles extraídos desse rico caneteiro que é o teatro espanhol, caudalosa fonte de temas, scenários e elementos tradicionais que a indústria cinematográfica da-quele país tem explorado com franco sucesso.

N. T.



a colecção das colecções

por Fernandinho de Pennyplover

Coleccionar é construir pequenos harens especiosos, cheios de servas submissas de um caprichoso amor. Coleccionar é fazer, por seu esforço, a miniatura de um museu. Coleccionar é, em suma, adorar alguma coisa.

Quando se ama do coração uma mulher, coleccionam-se as suas cartas, os seus sorrisos e até... os seus cabelos. Quando se ama, de feito, uma paisagem, coleccionam-se, nos arquivos da memória, seus inúmeros aspectos, seus infinitos pormenores. As músicas eleitas da sensibilidade, do gosto de alguém, deixam seus passos principais catalogados, coligidos nos tímpanos sensíveis...

Todos, mais ou menos, possuímos em nós próprios o instinto fino do coleccionador. Nem Deus omnipotente logrou subtraír-se a esse estigma fatal. Nem Deus! Porque, ao criar o mundo, ao gerar intermináveis séries de almas, de seres e de quimeras, Ele edificou sómente a Suprema Colecção.

Há coleccionadores que são maníacos perigosos, que são a prêsa eterna de uma idéa obscecante. Correm, torturados, toda a vida, atrás dessa paixão febril; e, muitas vezes, queimam-se, como lepidópteros, em sua chama intensa. E, ao morrerem, têm ainda a alma sequiosa, insatisfeita, como no primeiro instante, quais êsses bebedores de estômago sem fundo...

Existem mulheres que se perderam, que arruinaram potentados, em holocausto às pedras preciosas. Trocam beijos por esmeraldas raras, — trocam noites por um colar de gemas. São capazes de traír, de roubar e de matar, pela promessa de um diamante azul, de uma safira estranha ou de um rubim sangrento. Dariam até os próprios olhos por um par de astéris, de pérolas, de obsidianas... As coleccionadoras de cérias levam seu fanatismo a requintes de exagero, a loucuras diabólicas. E pretendem, numa inconsciência, que seus colares se prolonguem sempre, até ao Infinito, até a Eternidade! E seus corações chegam, às vezes, a tornar-se em pérolas enormes e perfeitas, tão duras e tão puras que nem os maiores cataclismos conseguem beliscá-las... Viveu, na Índia, uma mulher formosa, amante das pérolas de Ofir, que se atirou, um dia, ao mar para viver, morrer no meio delas... E uma outra, favorita de rajás, ordenou, ao expirar, que lhe mandassem para além da morte, no dorso de um elefante, sua colecção de pérolas riais...

Abundam também os coleccionadores de sêlos, que empatam dezenas de contos, centenas de libras, sem pestanejar, na aquisição de dois ou três rectângulozinhos de papel, desbotados e sujos de carimbos. E ficam-se, horas, boquiabertos, a folhear albums de preço, profusamente povoados de estampilhas multícôres, em que se recorta a effigie augusta de Luís XVIII, de Napoleão III, de D. Maria II, de Wu Pei Fu ou de Lincoln... E alguns dêles dariam fortunas colossais por certo sêlo famoso que dizem ter existido nos tempos de Trajano... E não tardará, por certo, que uns arqueólogos patifes descubram, em escavações, na Babilónia utérrima, uma estampilha côr de rosa, com o focinho venerando de Nabucodonosór...

Os coleccionadores de antiguidades, os furiosos do «bric-à-brac» e das coisas bolorentas, amam a patina e o caruncho, em delírios febris de cocainómanos. Coleccionam velhos móveis pela casa, em que habitam, e sacrificam, felizes e contentes, a sua comodidade, o seu conforto ao capricho dos estilos e das modas que passaram... Só porque se não usavam no reinado de Luís XIV, muitos excêntricos prescindem das poltrônas fôfas, dos guarda-roupas com espelho e dessas mesas de cabeceira imprescindíveis; e, só porque era elegante na Renascença, na idade de Lourenço o Magnífico, êles dormem tristemente em grandes camas de pés torcidos, retorcidos, que, por sua altura avantajada, dir-se hiam andaimos ou camêlos... Os coleccionadores de velharias perdem a cabeça com uma colcha antiga esfiapada, com uma urna de cobre ou de casquinha, com gravuras centenárias, cheias de mofo e de nódoas amarelas.

Os coleccionadores de livros, os ratos de biblioteca, passam a vida, embasbacados e gulosos, ante os manuscritos e os volumes raros. Tais são seus acepipes delicados e faustos. Os bibliófilos estremezem, do fundo de alma, êsses fragmentos preciosos de papel sagrados pelo génio, pelos nomes imortais. E redigem laboriosamente listas e catálogos com as datas hipotéticas da publicação das obras primas ou com as variantes de seu original. Quando as posses o permitem, adquirem edições de luxo, com capas de marroquim e ouro, com litografias guizalhantes de côres ricas, com maiúsculas tôdas imponentes. E, quando descobrem um bilhete postal ou um cartão de Hugo, de Byron ou Camilo, desejam-no, ferimos, como se desejassem Cleópatra, — e dão côro e cabêlo, e até as próprias barbas, para o possuírem, para o meterem, vaidosos, na sua colecção...

Os meninos e meninas de hoje, idólatras do jazz, coleccionam retratos de artistas de cinema. E, se os retratos têm um autógrafo, nem que seja carimbado, os meninos e meninas estorram de contentes. «Sincerely yours — Douglas Fairbanks»...

Há legiões fantásticas de coleccionadores — há colecções infindas de fiéis da Colecção. É um formigueiro perene, — é uma fonte inexaurível. E, cada vez mais, se multiplica e se alarga, ao contacto da vida complexa dos tempos hodiernos, adquirindo mesmo frequentemente feições bizarras e plenas de imprevisão. Até aqueles que se riem, que escarnecem da densa Colecção, lhe rendem inconscientemente seu tributo de vassallos. Na própria escolha das profissões, nos vícios, nas virtudes, nos gostos, nos prazeres, o homem se revela um coleccionador. Pois que é o médico senão coleccionador de micróbios e doenças? Pois que é o farmacêutico senão coleccionador de drogas e remédios? Pois que é o advogado senão coleccionador de crimes? e o filósofo senão coleccionador de idéas? As cartesãs não passam afinal de coleccionadoras de beijos e de moedas de ouro. Os padres coleccionam dogmas e preceitos de moral. As meninas casadoiras coleccionam namorados. E as mulheres feias, orfãs de belêsa, coleccionam as desilusões...

Eu jâmais coleccionei coisa nenhuma. Mas reparo agora que, sem reparar, me tornei também num coleccionador. Distraidamente, acabo de fazer... a colecção das colecções!

Há coleccionadores dignos de nota.

Vítor Manuel, êsse monarca de espírito gentil, tem a paixão da numismática. Possui uma das mais formidáveis colecções de moedas que existem pelo mundo. E essa colecção é o fruto belo de um esforço longo, de uma cultura funda e requintada.

Seu primo, El-Rei D. Manuel II, é um bibliófilo brilhante, a que prestam homenagem eruditos e letrados. Nos grandes centros culturais da Europa, seu nome é pronunciado com respeito, não só por ser um nome augusto, mas também por pertencer a um intelectual de nobre e pura estirpe. Ainda há pouco, saíu dos prelos ingleses uma grande obra que honra Portugal. Em suas páginas fidalgas, inscrevem o soberano exilado o catálogo dos velhos livros portugueses que formam a sua colecção, acompanhado de notas bibliográficas eruditas e cheias de elegância.

Pola Negri, a actriz dos belos gestos, dos enigmáticos sorrisos, colecciona caricaturas. Toda ela é uma caricatura viva, cujo amor da caricatura a fêz quasi olvidar a caricatura do amor... Tem centenas, que guarda, com cuidado, num cofrezinho precioso. E elas chegam, continuamente, num cortejo infindo, a trazer seu preito e homenagem à Caricatura-Mãe...

Rodolfo Valentino, o Adónis que morreu, coleccionava cartas de amor. Agrupava-as em séries, em categorias, como se agrupam famílias zoológicas. E mandava-as analizar, com a maior minúcia, por uma adivinha e cartomante. Pretendia, afirmava êle, estudar a psicologia feminina para melhor conhecer sua mulher... E chegou a conhecê-la tão perfeitamente... que se divorciou!

Landrú, o galã mais estupendo dos últimos três séculos, em vez de coligir aventuras fáceis, coleccionava antes mortes misteriosas.

Recentemente, apareceu na Roménia um Landrú de saías. Matara nove machos. O mundo supôs que essa mulher estranha quisesa vingar retumbantemente do Landrú de calças o seu sexo ofendido. Mas não! A megera coleccionava... orelhas masculinas! E, para as obter, condenava à pena última os seus proprietários. De feito, no armário do quarto dela, entre perfumes, cremes e águas de Colónia, descobriu-se a colecção macabra: rotulados com papéis de côres, grandes frascos cheios de alcool continham, de escabeche, nove pares de orelhas masculinas!

Ê sem barreiras nem fronteiras a colecção das colecções...

(Desenho de Rodolfo).



POVOA PRAIA DOIRADA

POR GVEDES DE AMORIM ILUSTRAÇÕES DE
CARLOS CARNEIRO

(NOTAS E IMPRESSÕES)

Sol, muito sol, verdadeira tempestade de oiro, dominando, alastrando pelo corpo da tarde, na hora em que a Póvoa de Varzim principia a adorar as carícias húmidas do mar.

A Póvoa vai começar a espreguiçar-se através da hora do banho elegante. Os esqueletos das barracas são vestidos, são enroupados com tecidos cantantes, riscados por côres febris, com tecidos linguareiros... Vista de longe, vista de dentro do mar, a Póvoa faz lembrar um acampamento de ciganos ou de príncipes árabes. Cada barraca, assemelha-se a um palácio; e, o grande mundo de tôdas

as barracas dá a ilusão de uma cidade de casas infantis...

Renasce a vida da práia. Renascem no grande cenário da areia o movimento e a alegria. A incomensurável colcha da água escura do mar termina em franjas, consecutivas, de ondas aos pés dos veraneantes. O mar chama pelas pernas e pelos corpos.

Os minutos consomem-se, entretanto, sobre o comprido, extenso, lenço de chita da areia. A Póvoa só toma banho durante as horas matutinas. Logo aos primeiros gestos da manhã, salta, brinca, demora-se nos braços do mar. Depois, sente-se fatigada,

exausta. E, pela tarde, raras, muito raras vezes, se vê, se encontra um «maillot» dentro da água.

Do lado de cá, na berrante e extensa va-



randa do mar, sobre o parapeto da areia, engalanado de coloridos, encontram-se atitudes de infantibilidade, de adoração e poesia. Atitudes de mulheres e de crianças. Aguarelas, larga exposição de aguarelas, no extenso tapete de areia, salientando-se nas nuvens de côres os vultos furtivos e gentis de mulheres, que ocupam os dedos no desenho de catedrais de rendas. A seus pés, junto ao frizo das ondas, brincam milhares de crianças. Quando a tarde começa a desmaiar, tem-se, até, a impressão de que a Póvoa é uma linda princesa com um universo de filhos...

Aos primeiros minutos do crepusculo, quando sobre o mar e sobre a práia em bandada principiaram a cair as primeiras go-

ILUSTRAÇÃO

tas da noite, os olhos deixam, instintivamente, a Póvoa que dura o espaço do Verão e seguem, e procuram a Póvoa que dura todo o ano, a Póvoa dos poveiros, a Póvoa que é um interminável poema de batalhas com o mar!

Na bandeja dum jardim, o «Cego do Maio», na sua atitude de vigilância, na sua atitude que é a síntese de todos os actos de abnegação dos habitantes do mar da Póvoa — parece procurar na distância, no invencível além, retalhos das almas dos seus irmãos que



se perderam na encruzilhada das tempestades marítimas. Mesmo nas abas do mar, encontram-se os corceis dos poveiros — centenas de barcos, de nomes e côres diversas, de modelos diferentes, e todos em descanso, adormecidos. É aqui o verdadeiro museu da Póvoa. Um museu que, sob o tecto do céu, guarda o nosso mais precioso material de lutas marítimas, e onde, durante a noite, se depara com vultos de mulheres, esguios e altos como preces, guardando o sono profundo do exército dos barcos.

A noite da Póvoa tem dois rostos, tem duas fisionomias. Num lado, o rosto austero, másculo, franjado de rugas, dos que habitam, dos que atravessam todos os dias, tôdas as semanas, todos os meses da Póvoa. Neste

rosto, cheio de gravidade, estão àlerta dois olhos-sentinelas em permanente interrogação ao Atlântico. É este o verdadeiro rosto da Póvoa de Varzim — rosto de pescador, rosto de herói e peregrino do mar. Ao lado desta effigie poveira, encontra-se, também, uma fisionomia de linhas cosmopolitas. É uma cara que só se encontra, que só se vê durante esta época; pertence ao forasteiro, pertence ao veraneante, português ou estrangeiro. De monóculo ou lábios pintados, de sobrancelhas estilizadas, essa fisionomia de estilo internacional, dá à Póvoa um aspecto de praia estrangeira. E, neste turbilhão de vozes, tem-se a impressão de que se está em S. Sebastian ou Biarritz.

Porém, quando chegam as primeiras horas nocturnas, desaparece a austera fisionomia da Póvoa.

Nasce, então, a noite da Póvoa veraneante, que toma banho e passa as horas no turbilhão da dança. No corredor do Café Chinês, passeia-se, gasta-se o tempo a andar, num permanente vai-vem de passos e conversas fúteis. Mais adiante, na Assembleia, vultos, muitos vultos, muitos decotes e muitas gra-

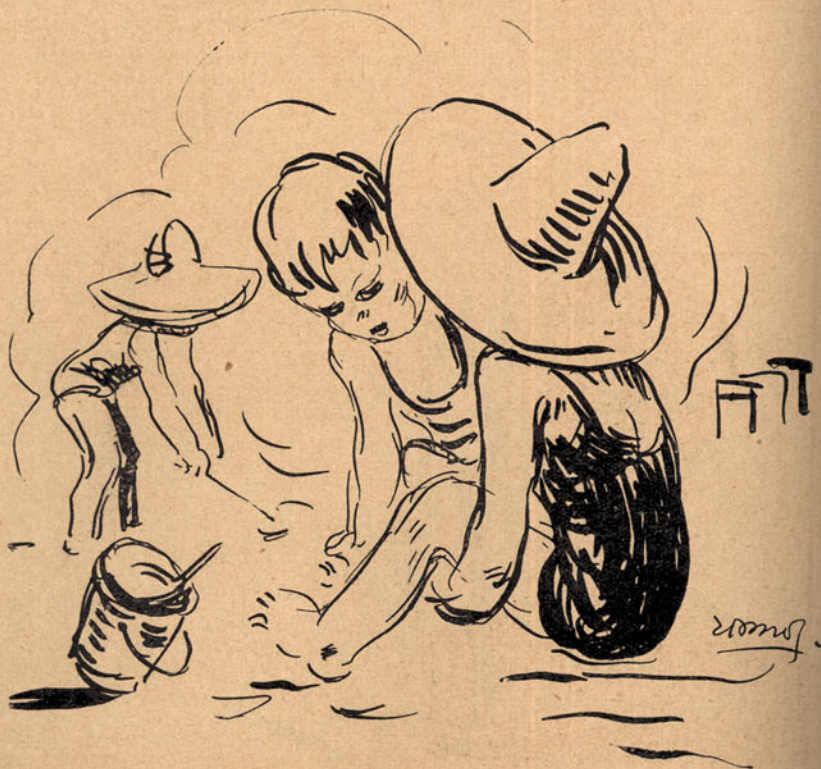
vatas, oscilam, rodopiam, na senda sensual da dança.

De manhã até à noite, a Póvoa não tem



minutos vãos, sem importância. Tôdas as horas estão preenchidas, ocupadas por diversões. É uma verdade. A Póvoa tem caminhado para o nível das praias modernas, das praias estrangeiras. Este ano apresentou algumas novidades, alguns melhoramentos. Esperemos pelo próximo ano... A Póvoa há-de caminhar. A Póvoa — praia dourada — há-de vir a acertar as suas atracções pelas atracções das mais concorridas praias estrangeiras.

Póvoa, 1929.





Bôças Pintadas...

Desde que o mundo é mundo, a mulher procurou sempre no artifício as graças que lhe faltavam para seduzir o homem ou alindar e tornar mais salientes aquelas com que a natureza a brindara.

A selvagem que se enfeita com guarnições bárbaras que chegam ao suplicio da carne e a civilizada que usa as requintadas tintas de uma marca célebre perseguem, ambas, o mesmo fito: a conquista do homem, a conquista do Amor.

E não são a leviandade, a ligeireza de espírito ou a garridice, como à primeira vista pode parecer aos não iniciados, os principais impulsos que levam a mulher a tornar-se bonita, apetitosa e picante, para lutar e para vencer nas brigas amorosas, em competência com suas rivais, na perseguição do mesmo ideal.

É o instinto do amor que todo o ser criado trás consigo, para não faltar ao santo mandamento que lhe foi imposto para a perpetuação da espécie.

Mesmo quando pensamos que é a *coquetterie* que nos obriga a usar de tôdas as manhas e de tôdas as espertesas que a química põe ao nosso alcance, para reforçar a nossa rêde aliciadora, obedecemos sempre ao instinto criador de vida.



E todos sabem, porque na natureza há disso exemplos maravilhosos, que o instinto pode mais do que tôdas as forças inventadas pela inteligência e por ela conduzidas.

E é ao serviço dêsse instinto de vida e de amor que nós pomos todo o material de guerra que sai dos armazens do perfumista.

Dantes não era precisa tanta metralha, para que o homem se curvasse ao jugo das seduções femininas. A vida era mais simples, corria serena e igual, e a distração mais cubiçada era o convívio com a mulher amada ou apetecida.

Mas hoje, que a vida é um turbilhão de ambições, hoje, que os motores substituíram o esforço animal, hoje, que há máquinas que são cérebros, hoje, que só a velocidade manda e regula os nossos actos, o homem torvelinha e gira, e é preciso um embate vigoroso, para que êle pare, olhe, veja e escolha a companheira de um instante, de uma hora de desenfado, e até aquela que com seus carinhos e cuidados há de segui-lo até final, na carreira vertiginosa.

Que admira, pois, que a mulher se enfeite e se embeleze, raivosamente, febrilmente, que admira que ela agite a bandeira enfeitiçada, para que o homem pare, olhe e escolha?...

O homem deve sentir-se orgulhoso, porque se a mulher avança e progride e em todos os campos do saber e do engenho, ela já entra vitoriosa, continua sendo a escrava do seu capricho e dos seus enfados, e não há nada por mais difícil que ela não tente para conquistá-lo e prendê-lo.

Primeiro, a mulher começou por tornar mais delicadas as suas feições com os pós e os cremes mais perfumados e finos, quando corria mundo essa aspiração tão singela que João de Deus expressou assim:

Beijo na face

Pede-se e dá-se.

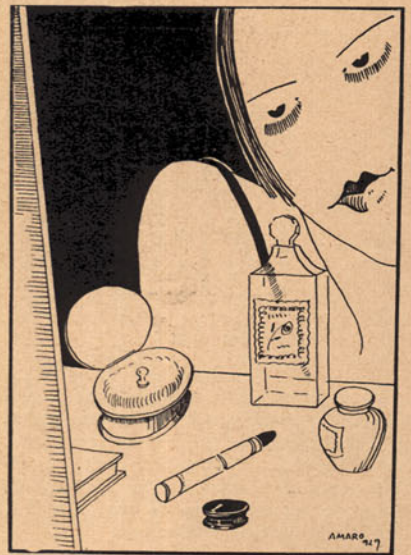
Dá?

Que custa um beijo?

Não tenha pejo.

Vá!

Mas o beijo, êsse beijo tímido e quasi cãdido que o poeta canta, evoluiu, transformou-se com os tempos, tornou-se exigente e



ousado. E a face aveludada e doce não lhe basta já.

Como borboleta estonteada e inquieta, procura nectares mais preciosos e raros.

E a mulher, então, fêz da sua bôca uma flor rubra, onde o beijo se aquece e se aninha, deliciado e feliz.

E a mulher fêz de seus lábios a arma mais terrível, mais poderosa, que invalida tôdas as veledades de revolta do homem, que lhe instila na alma o veneno subtil do amor.

Bôças pintadas, flores fingidas, pobres bôcas sem côr, sois bem o emblema duma época doentia e triste, tôda artifício e tôda engano.

Mas sois sem culpa, bôças pintadas, que obedecéis ao amor, que quis fazer de vós um novo arco.

Bôca de mulher... arco de Cupido!

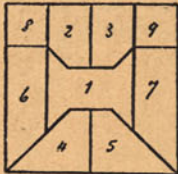
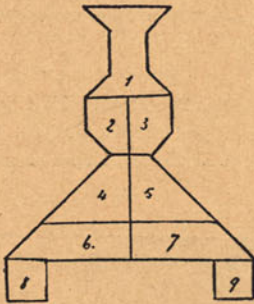
MERCEDES BLASCO.



Passatempo

QUEBRA-CABEÇAS

(Solução)



解 解

Levando um salão umas perdizes de presente a um amigo de seu amo, recebeu-as êste e disse-lhe que se podia retirar; porém êle, em vez de sair, deixou-se ficar muito descansado na sala de entrada. Uma hora depois, passando por ali o dono da casa, e vendo-o muito bem sentado, exclamou:

— Então porque esperas tu?

— Por coisa nenhuma... Mas tenha a bondade de me dizer... se meu amo me perguntar quanto V. Ex.^a me deu, o que hei de eu responder?

解 解

Uma filha de um homem bastante rico casou com um juiz. Êste ia de vez em quando a casa do sogro dizer-lhe mal da mulher. O sogro, cansado de tanto ouvir, disse-lhe um dia: «Faça saber a minha filha que, se ela lhe torna a dar motivos de queixa, desherdo-a».

O genro compreendeu e mostrou-se menos susceptível daí em diante.

解 解

Um oficial militar levou uma bofetada de um paisano. Puxa da espada, e diz muito formalizado:

— Isso é deveras ou a brincar?

— É deveras, disse o esbofeteador.

O oficial mete a espada na bainha e responde muito tranqüilo:

— Lá me parecia, pois comigo não se brinca.

UM CRIADO ESPERTO

— Manuel!
 — Minha senhora?
 — A que horas entrou o menino Augusto esta noite?
 — Eram duas e meia da madrugada.
 — Ah! e não disse nada?
 — Perdão, minha senhora, disse-me que, se V. Ex.^a me perguntasse a que horas êle veiu, eu respondesse que tinha vindo à meia noite!

解 解

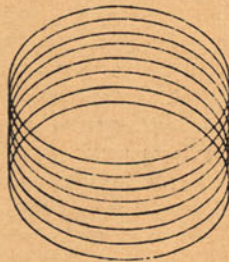
Um sujeito já idoso e de porte bastante digno, dizia a um seu sobrinho, estroina e perdulário:

— Olha, faze como eu, que tenho como regra inflexível: *O dever acima de tudo!*

— Ah! meu tio, é essa também a minha regra e por isso *devo* a tôda a gente.

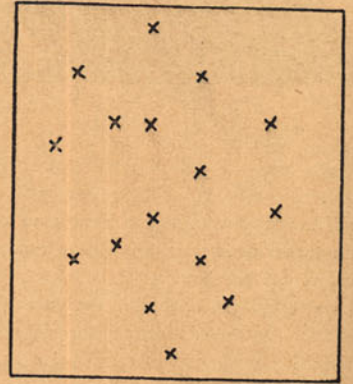
解 解

UMA ILUSÃO DE ÓPTICA



Olhando para o cilindro formado por êstes círculos, ver-se há que é impossível dizer se se está olhando para êle, de baixo para cima, ou de cima para baixo.

PROBLEMA DE DESENHO



Traçar, com linhas que passem por estas cruces, os símbolos de duas religiões, um sobreposto ao outro.

解 解

Juntam-se três apaixonados pelo estudo das línguas vivas; um francês, um inglês e um portuguesinho valente. Sai-se o francês:

— A pronuncia francesa é difficil. Por exemplo, escreve-se «Rousseau» e lê-se «Ruçô»!...

Logo o inglês afirma, imponente:

— Pior é o inglês, porque se escreve «Shakespeare» e se pronuncia «Xequespir»!...

Ao que o lusiada patriota objectou triunfante:

— Pois em português escreve-se «Sebastião José de Carvalho e Melo» e lê-se «Marquês de Pombal»!!!



CENTOPEIA HUMANA

A senhora: — Mas eu julgava que tinha sido um tubarão que lhe comera a perna e não os canibais, como está dizendo.
 O velho marinheiro: — Ah! é que a senhora está-se lembrando de uma outra aventura minha. Isso foi já depois, e foi outra perna!

Columbia
ELECTRO
Graphophone



**O MELHOR REPRODUTOR ELETRICO
ATÉ HOJE PRODUZIDO**

O MODELO 400 TEM UM ALCANCE
DE 1.500 METROS E O 1.º MODELO
CHEGADO FOI ADQUIRIDO PELO

TEATRO AVEIRENSE

BEM COMO UM GRANDE REPER-
TORIO DE DISCOS **COLUMBIA**,
OS UNICOS QUE SATISFAZEM
— OS MAIS EXIGENTES. —

AGENTES GERAIS:

P. SANTOS & C.^A, L.^{DA}

Rua Ivens, 52, 54 — Rua Garrett, 57, 59, 61
LISBOA



Um novo record estabelecido com a ajuda de MOBILLOIL

A Aviadora Maryse Bastié estabeleceu entre as senhoras um novo record do mundo de resistencia voando com tempo mau e consecutivamente durante 26 horas e 47 minutos num monoplano "Caudron" com motor "Salmson" de 40 cavalos, lubrificado exclusivamente com Mobiloil Aero D.

Como sempre acontece nestas circunstancias, com os productos da Vacuum, o oleo empregado foi tirado de um lote destinado à venda geral.

485



Mobiloil

Guie-se pela nossa Tabela de
Recomendações

MOBILLOIL

VACUUM OIL COMPANY